

O LIBERAL PERNAMBUCANO.

JORNAL POLITICO E SOCIAL.

O Liberal Pernambucano publica-se diariamente, e subscree-se na typographia da rua do Collegio N. 14 a 3\$000 por tres mezes pagos adiantados: os annuncios para os Srs. assignantes são pagos a 20 réis por linha; correspondencias e outra qualquer publicação pagar-se-ha o que se convencionar: os interessados se deverão entender com o Editor na mesma typographia. A Redacção é distincta da Administração.

Anno V.

Quarta feira 16 de Janeiro de 1856.

Numero 980.

VARIEDADE.

Cartas de um habitante da terra, escriptas do Recife á um habitante do Planeta Mercurio.

I.^a

Meu bom amigo, em boas me mettem vossê; quer nada menos que todas as semanas lhe envie lá para o seu Planeta uma noticia exacta do que por cá ocorre, por esse miseravel canto do planeta que o destino me deu por habitação. E' isso uma tarefa ao mesmo tempo pesada e dolorosa; pesada, porque pauperrimo de termos e de tempo, e não tendo o domo do diabo coxo, para tudo ver e ouvir, encontro difficuldades immensas em pol-o ao corrente dos factos que aqui vão acontecendo; dolorosissima, porque tudo quanto por aqui se passa é uma miseria digna somente do despreso e da compaixão. Talvez que os habitantes desse planeta que descortinamos no espaço como um ponto luminoso fação de nós um juizo favoravel e nos supponhão que honramos melhor a criação; estão enganados, as nossas acções de nós habitantes deste planeta teem sido tão indignas que já, conforme nos attestão as lettras santas, houve tempo em que Deus se arrependeu de o ter creado. O diluvio, a guerra, a peste, a fome, a morte são outros tantos castigos com que Deus de vez em quando nos convida á trilharmos o bom caminho; mas qual! E' trabalho perdido; o homem é o filho legitimo do peccado, e o orgulho dominando todas as suas acções, lhe faz esquecer agora o castigo que á pouco lhe fôra fulminado, e elle vae sempre trilhando o máo caminho.

Nada lhe direi sobre o que acontece nos outros pontos do globo, porque nem de tudo sei, nem é crível que vossê tenha deixado de estabelecer correspondencias por todas as partes, attenta a curiosidade que mostra em saber do que se passa pela superficie deste globo terraqueo.

Não sei, se por lá, meu amigo, os habitantes desse Planeta se considerão irmãos e filho do mesmo Deus; por cá a cousa é muito diversa, uns se considerão os abençoados e a outros os amaldiçoados; e dahi nasce uma cousa a que se chama—aristocracia—, que significa a principal parte da humanidade.

Essa aristocracia, meu amigo, não se alimenta dos mesmos dotes em toda a parte e pela sua correspondencia das outras partes do globo verá que ella tem diversas bases nos lugares onde é encontrada. Cumpre que eu lhe dê uma idéa do que é em Pernambuco o que se chama aqui aristocracia.

Deve saber que, tendo Deus feito a terra para que todos tirassem della á custa de seu trabalho a sua subsistencia, alguns homens

se apossarão della, crearão o que se chama leis de successões e a posse dessa terra se foi transmittindo de pae á filho, e conservando-se na mesma familia. Resulta d'ahi, que no fim de certos annos se achara a terra possuída por poucos e a geração dessa actualidade depredada em sua maior parte. Bem se comprehende o absurdo de semelhante instituição, mas ella existe, é mantida pela força e cumpre que as gerações depredadas aceitem a posição que lhes foi destinada na serie dos tempos.

Pelo que respeita a essa parte do planeta—terra—, que se chama Brasil, deve vossê saber, que, embora immenso e com proporções para nelle habitar grandes nações, o seu territorio fôra arbitrariamente dividido pelos Reis de Portugal que, chamando-se o dominio da terra, a repartiu pelos seus afilhados, dando leguas e leguas de terras á homens que lhe haviam prestado taes ou quaes serviços. Esse facto arbitrario creou entre nós a propriedade, e a geração actual, no espaço de trezentos annos se acha quasi toda depredada.

Quando se viaja por este immenso territorio, o coração geme comprimido, porque no meio de vastos terrenos incultos, jaz aqui ou ali uma chopana que é habitada pela pobreza e pela miseria.

Os proprietarios territoriaes são mais ou menos pesados ao resto da população, conforme a sua moralidade, a sua ignorancia, a sua estupidez. Pondere o meu amigo qual será a sorte do nosso povo, em um paiz onde o territorio se acha por tal modo dividido, q' uma parte da grande cultura proclama alto e bom som, que os braços escravos são a condição *sine qua non* do seu progresso e mesmo de sua existencia.

O povo, espancado pelo proprietario territorial, busca azylo no commercio que, como sabe consiste na troca de productos de um paiz pelos productos de outro, mas ainda ahi existe um obstaculo invencivel e é, que esse commercio é possuido pelos estrangeiros que outr'ora dominarão estas paragens. Só lhe restaria um azylo, era a industria; mas esta supõe o desenvolvimento de certas faculdades, e sobre tudo a dignidade do trabalho; condições que não existem neste apouquentado canto da terra.

Eis, meu amigo, o que é entre os mais paizes o nosso Brazil, e como uma exaggeração desse erro o nosso Pernambuco.

Saiba mais que o Brasil é habitado por diversas raças, o que dá lugar á questões de preferencias de sangue e de outras tantas aristocracias; de modo que, se ha uma terra onde o principio da fraternidade seja posto em duvida e contrariado, é por certo o Brazil. Ha talvez entre os seus habitantes mais

de uma campina pitoresca. Ahi se descobre uma rica e consideravel aldeia onde se acha a espaçosa casa do administrador das terras. Na extremidade de um lindo bosque estão situados os alicerces de um vasto castello cuja construção um dos antigos proprietarios havia começado; seus successores tendo ido habilitar seu patrimonio de Courlandia, renunciarão a esse projecto, e o barão Roderich de Rensch que viera se estabelecer n'essa morada de seus antepassados, nenhum adiantamento havia dado á construção. Seu caracter sombrio e misanthropico se accommodava melhor com a velha residencia de seus pais, do que em um novo edificio.

O barão occupou-se em mandar reparar o antigo castello que cahia em ruínas, encerrou-se nelle com um mordomo inapto, e uma comitiva pouco numerosa de criados: vião-no rara vez na aldeia, mas elle por vezes vava a pé ou a cavallo sobre a borda do mar, e alguém assegurava te-lo observado de longe attento ao ruido das ondas que se quebravam fervendo contra os rochedos, como se escutasse a voz do espirito dos mares.

Sobre o antigo terraço da torre de vigia Roderich mandára construir um gabinete, que elle tinha abundantemente provido de telescopios e de uma collecção completa de instrumentos astronomicos. Ahi passava os

inimidade do que a que existe entre o lobo e o cordeiro.

Saiba agora que em Pernambuco existem duas familias que se dizem patricias e as mais aristocraticas, as quaes são conhecidas pelos nomes de *Cavalcantis* e *Rego-Barros*. Essas duas familias querem governar exclusivamente a nossa terrinha, e dahi reacções constantes.

Perguntará o meu amigo; mas então essas familias devem possuir dotes muito estimaveis? Engano, meu amigo, engano manifesto. Nem dotes do corpo e nem dotes da alma. Pensa vossê que essa aristocracia se assemelha em alguma cousa a aristocracia dos outros paizes? Está illudido. Querem governar porque querem, e nada mais.

Os *Rego-Barros* se dizem de sangue puro e contestão nesta parte a preeminencia dos *Cavalcantis*. Os *Cavalcantis* se dizem mais antigos e descendentes de velhos fidalgos. Uns e outros, são em regra pobres de corpo e pauperrimos de espirito.

Se vossê os visse e os estudasse em cada um de seus membros teria dó delles, senão nojo. Feios, grosseiros, não sabem andar, não sabem fallar, não sabem escrever, não sabem pensar; mas orgulhosos que fazem raiva. Eis meu amigo as familias patricias de Pernambuco. Se um Moliere se mettesse a fazer uma comedia que os representasse, haveria rasão para mais de uma gargalhada.

Comparando-se um desses aristocratas com um lord inglez, com um fidalgo francez, ou austriaco, ou italiano, ou de outra qualquer nação, duvidamos que se possa conter o riso.

Essa miserima aristocracia de corpo estropiado e de espirito boçal, com todos os seus instinctos selvagens, é adversa á tudo quanto constitue a verdadeira aristocracia, e tão insupportavel quanto são fedorentas as suas pretenções.

Apparecerão por aqui tres aventureiros; chamão-se elles Nabuco, Figueira e José Bento, que assentirão de fazer dos pobres aristocratas seus instrumentos de elevação, e eil-os a encher-os de vento e a persuadir-lhes que erão cousas grandes. Os papalvos acreditarão e os teem levado em charola aos altos empregos da sociedade. E isso por tal modo que chegou Nabuco á ser ministro, Figueira á ser chefe de policia da nossa corte, e José Bento á ser presidente de Pernambuco.

Já vê o meu amigo o que se deve esperar de uma sociedade que é governada por semelhante gente. E' um gosto; faz chorar e rir ao mesmo tempo.

Entretanto os pobres aristocratas e seus guias não se teem podido aguentar, estão hoje no maior descredito, a sociedade pernambucana está por tal modo desconjunctada, que a celeberrima aristocracia está morre

dias a contemplar as ondas e seguir com os olhos até o fundo do horizonte longiquo os navios que frisavão as vagas com um vôo rapido, como aves aquaticas de azas brancas.

Durante as noites estrelladas, entregava-se ajudado por seu velho intendente a trabalhos astronomicos, ou antes astrologicos, segundo a opinião geral. Corria fama com effeito que elle se ingeria em sciencias occultas e de magia negra; e que o máo exito de uma operação, que tinha causado o maior damno a uma familia de principes, o havia forçado a abandonar a Courlandia.

Por pouco que se lhe despertasse a lembrança de sua morada naquella região, o barão parecia apossado de horror; mas o attribuição unicamente as desgraças que haviam perturbado sua vida pela falta commettida por seus predecessores, abandonando a morada patrimonial. Afim de ahi fixar para o futuro o chefe de sua casa, a eregio em morgado: e o senhor feudal do paiz deu tanto mais voluntariamente seu assentimento a essa medida, quanto ella fixava no solo natal uma familia rica de virtudes cavalleirescas, da qual alguns ramos ja se achavão enraizados no territorio estrangeiro.

Nem Hubert, filho de Roderich, nem o titular do morgado na época desta historia, chamado Roderich como seu avô, habitarão

não morre. Deos permita que antes de morrer, não dê algum arranco dos do costume, assim uma bacamartada. Bem vê o meu amigo que um bacamarte atraz de um páo é arma que assenta bem á taes aristocratas d'goa doce.

O Figueira de Mello, foi o primeiro que sahio da dança; mas ainda restão o Nabuco e o José Bento. O Nabuco que quer passar por capacidade, tem feito cousas que espantão. O homem tinha lá uma sciencia de retalhos, sem o nexo da philosophia; collocado no poder e querendo desenvolver os seus conhecimentos legislativos teem sido o ludibrio dos homens illustrados que o apontão como uma nullidade scientifica. Creio que não poderá aguentar-se, porque com a sua ineptia governativa e legislativa, sem systema e sem methodo, tem arruinado o velho edificio; e todos veem a necessidade de um novo architecto que reedifique e reconstrua.

O José Bento; Oh! O José Bento tem dado pancas; é, meu amigo, ama cabeça de camarão torrado no funeiro; só se lhe conhece fel no figado e em vez de miollos na cabeça, cousa que faz nojo. Pobre homem! Corre o perigo de enloquecer; porque sendo um dos solapadores da sociedade Pernambucana, vê o seu bello edificio cahir-lhes sobre a cabeça, esmagal-o e não pôde evitar o perigo. Os *Regos Barros* mesmos estão no ultimo dente com elle, e elle breve dá com a *Cavalcantada* em vasa-barris. Que esteio procurarão os taes aristocratas! Talvez pense Vossê que esse José Bento é alguma cousa que se pareça com um aristocrata; engano, meu amigo, engano manifesto. E para fazer idéa do que seja esse esteio da aristocracia pernambucana, ouça o que lhe von dizer.

A nossa aristocracia miserrima, não podendo invocar em seu favor os dotes do corpo e do espirito, pega-se á uma cousa chamada nascimento, o qual vae dar em linha recta em algum capitão mór, ou outra entidade das antigas ordenanças.

Pois bem o nosso José Bento, por esse lado, é uma desgraça; ninguém sabe quem é o pae, nem que é a mãe. Surdio aqui entre os creados do finado bispo D. Thomaz, com a protecção deste quiz ordenar-se, depois mudou de resolução e estudou direito. Ninguém sabe ao menos se é filho legitimo ou natural, é um aventureiro na força do termo. Mas, querendo figurar de aristocrata, mandou escrever ahi n'uma folha que era filho d' um capitão de ordenanças; pedirão-lhe a patente e o homem ficou de queixo cahido, sem saber onde arranjasse um papelucho. Ainda isso poderia servir aos *Cavalcantis*, mas aos *Regos Barros* que teem o orgulho do sangue *celtico puro*, é cousa inconcebivel; porque o tal José Bento é sem tirar nem pôr uma figu-

a morada de seus antepassados; ambos ficarão na Courlandia; e deve-se presumir que mais alegres, e amigos da alegria que seu melancolico avô temião a triste solidão desta residencia.

O segundo barão Roderich havia recolhido em sua casa duas irmãs de seu pai, que se achavão em um estado proximo da indigencia. Ellas moravão com uma velha criada n'um pequeno quarto bem fechado de um dos lados do castello; no pavimento terreo o cozinheiro occupava um grande local proximo da cozinha. A parte principal da casa não tinha outro habitante senão um velho caçador decrepito que preenchia ao mesmo tempo as funções de guarda-portão; o resto dos criados habitavão na aldeia em casa do administrador das terras.

Pelo fim do outono, quando as primeiras neves começavão a cahir, e era o tempo da caça dos lobos e javalis, a habitação abandonada e deserta tornava-se viva e animada. O barão de Roderich chegava da Courlandia com sua mulher, acompanhado de parentes, amigos e de uma numerosa comitiva de caçadores. A nobreza dos arredores, e os habitantes da cidade visinha, que amavão a caça vinhão estabelecer-se no castello.

(Continuar-se-ha.)

FOLHETIM.

HOFFMANN.

CONTOS NOCTURNOS.

O MORGADO.

I.

Nas margens do Baltico eleva-se o castello da familia dos barões de Reusch, chamado Reusitten, cujos arredores são selvagens e desertos, e apenas algumas plantas espalhadas penetrão aqui e alias solitarias rochas escarpadas; não se vê jardim algum, ornamento ordinario de uma semelhante residencia, porém um bosque de pinheiros de aspecto lugubre, encostado a uma muralha nua e arruinada; não se ouve o gorgoeio dos passaros q' cantão ao amanhecer a vinda da luz, mais os gritos sinistros dos corvos, e a voz penetrante das gaivotas que annuncião a tempestade.

A um quarto de hora de caminho deste lugar a natureza parece transformada. Como se por uma pancada de varinha magica ficasse transportado em prados floridos e no meio

ra de bronze, de beico roxo, de cara achatada, que não se pôde bem saber á que raça pertence, á menos que não seja á dos orangotangos.

Ora, já d'ahi vê o meu amigo que a aristocracia pernambucana não podia encontrar cousa que melhor a representasse. Se um novo Cervantes quizesse ridicularisar esta nova aristocracia, como o antigo fez com a cavalleria andante, em vez de procurar como heroe um D. Quixote, devia procurar um orangotango, filho lá dos sertões da Africa e tão asqueroso como todos os individuos dessa especie.

Isso pelo lado do corpo e da origem. Pela moralidade e pela intelligencia, cresce a repugnancia.

Contão-se cousas dessa joia, meu amigo, que espantão. Foi aqui advogado e fez panacas; dizem que, em um negocio da thesauraria provincial que aqui fez estrondo, fez um contracto *quota litis* com os portadores das lettras, comeu os cobres, abandonou a questão e até quiz sacrificar a dignidade da assemblea provincial. São cousas, meu amigo, que se contão em cada canto. E além desta, attribuem-lhe muitas outras branquinhas, tenho ouvido contar historias de venda de causas que mettem medo. Que bicho é o tal Sr. José Bento! Que digno representante da aristocracia pernambucana!

Ora, se um camarada destes se apanhou na presidencia e de Pernambuco, e se é verdade o que dizem delle, calcule o que o homem não terá feito. Dizem por ahí que é um rato; e que não tem poucado repartição publica. Até consta que ultimamente no arsenal de guerra o homem fez cousas vergonhosas. Dizem que á custa do arsenal tem mobilia, tem oratorio, tem lanternas, tem bolieiros, tem muita cousa. Tollo seria elle, se não aproveitasse a quadra. E' verdade que disso não tenho documento, mas a voz publica diz isto, e é um antigo proverbio que — *vox populi, vox Dei*.

As obras publicas! oh! meu amigo! Contão-se cousas de arripiar as carnes.

Mas passemos á intelligencia do tal José Bento. E' uma taboa raza no tocante á ignorancia, e uma cabeça de marimbre; em compensação tem astucia de raposa, qualidade que os naturalistas concedem ao orangotango. E se abre o bico, oh! meu amigo, é um negro boçal a fallar; não vi cousa mais enjoativa.

Em uma sociedade escolhida, não dança, não toca, e a conversa é uma algaravia de todos os diabos. Num tribunal a fallar, é uma porção de rãs a barulharem n'um charco. Numa corporação scientifica, n'uma assemblea a orar, é o diabo em pessoa.

No phisico e no moral não pôde haver cousa melhor tallhada para exprimir a degradação da tal aristocracia. Estou vendo a hora que toda essa casa velha e arruinada cahe em cima desse novo Sansão e o esmaga completamente.

O povo o despreza, e os aristocratas já o baptisam pelo — *primo bastardo*. Bem pregado lhe seja; quem mandou a essa pobre gralha metter-se no rancho dos pavões?

Mas, meu amigo, estou cangado de escrever-lhe. Basta por hoje, e espere pela dóse quarta-feira seguinte. Dir-lhe-hei muita cousa ainda do presente e do passado.

Seu amigo.

O habitante da terra.

LITTERATURA.

UMA ACADEMIA DE ROMANCISTAS NA ALLEMANHA.

Sammlung auserlesener Original—romane, herausgegeben von Otto Muller. — I Afaja, von Theodore Mugge. — II Charlotte Ackermann, Otto Muller. — III Der Dunkelgraf, von Ludwig Bechstein. — IV Der Sonnenwirth, von Hermann Kurz. — V Die Freimaurer, von Gustav Kuhne. — VI Die Familie Ammer, von Ernst Willkomm; 6 vol. Frankfurt 1854—1855.

(Continuação do n. antecedente.)

Citei muitas vezes o nome de Jeremias Gotthelf por occasião do romance de M. Hermann Kurz: é o melhor modo de caracterisar essa bella obra e de lhe marcar o seu lugar. O digno pastor de Lutzelfluh, o grande romancista popular que a Suissa perdeu o anno passado, teria gostado singularmente dessa historia do *Sonnenwirth*; elle houvera nella reconhecido o vestigio de sua inspiração: — o mesmo vigor do toque, a mesma imparcialidade rustica, a mesma fé na efficacia

da moral christãa. Se Jeremias Gotthelf, em suas vigorosas pinturas, atacava principalmente a propaganda revolucionaria que devastava os cantões suissos, não menos condemnava energicamente (provárão-no muitas de suas narrações) as iniquidades do antigo regimen. Obrigado á combater o inimigo de hoje, sua paixão de publicista não lhe fazia olvidar o inimigo de hontem. O *Sonnenwirth*, portanto, completa perfeitamente *Uli le Valt de ferme* e *Jacob le Compagnon*. Trazer á memoria das populações rusticas os beneficios da Franca de 89, é pôr-lhes mais vivamente debaixo dos olhos o que a demagogia lhes fazia perder. Possa pois a narração de M. Hermann Kurz tornar-se tão popular entre os campones da Allemanha, como os romances de Jeremias Gotthelf entre os montanhezes do Oberland!

E' ainda ao seculo XVIII que nos conduz o romance de M. Gustavo Kuhne; não busquemos porém nelle a clareza, a precisão, o firme senso historico que temos assignalado no autor do *Sonnenwirth*. Entretanto o assumpto escolhido pelo romancista exigia todas essas qualidades reunidas; M. Kuhne propoz-se a introduzir-nos no seio das sociedades mysteriosas que se agitavam na Europa na segunda metade do seculo de Voltaire; elle dá á seu livre o titulo — *os Pedreiros-Livres*. Nada mais curioso do que esse movimento occulto; de todos os symptomas que attestavam a surda inquietação dos espiritos e a esperanza de uma proxima catastrophe, nenhum existe mais estranho e mais conhecido do que esse. Um escriptor que sonhesse descobrir alguns vestigios desse trabalho das imaginações prestaria um precioso serviço á historia das idéas; mas com que finura, com que sagacidade fôra de mister tocar nessas delicadas materias! Quanto fôra preciso desconfiar das conjuncturas e acanalar-se de falsear a historia querendo esclarece-la! M. Kuhne não pesou bem as difficuldades de sua tarefa. Iniciado por seus anteriores estudos em muitos segredos do XVIII seculo, elle se arrogou o direito de advinhar o que não sabia. As conjecturas do romance são permitidas quando ellas estão de accordo com o espirito de uma época; o autor des *Pedreiros-Livres* inventou com hardidez inconveniente situações e factos absolutamente contrarios á historia.

O titulo do romance de M. Kuhne annuncia-nos que esse quadro de pedreiros livres no XVIII.º seculo é tirado dos archivos secretos de uma familia: *Freimaurer, eine Familiengeschichte aus dem vorigen Jahrhundert*. Que familia é essa? Uma nobre familia italiana unida por uma serie de acontecimentos romancescos a uma casa de principes da Allemanha protestante. O enredo da fábula é de uma extravagancia singular. Segui-me attentamente, por favor, e não percaes de vista esse labregio, que tive muito trabalho em desembrulhar. Um principe soberano, o chefe de um desses pequenos estados que desaparecerão na reorganisação da Allemanha por Napoleão, sua alteza imperial o conde Justus-Erich de Hohen . . . Schwarzenfels, desposou em sua mocidade uma princeza italiana de quem estava loucamente enamorado. O principe Justus-Erich era um protestante dedicado; a corte de Roma, ajudada pelos negociadores da companhia de Jesus, tentou em balde explorar-lhe a paixão para fazê-lo mudar de creença. Tudo quanto se pôde alcançar, é que a religião catholica não seria mais proscripta do seu principado. Entretanto se queria mais do que essa simples tolerancia; o contracto foi atrevidamente falsificado pelo padre Euzebio, provincial dos jesuitas, e no dia em que o jovem principe suppunha assignar uma convenção concedendo á seus estados a liberdade dos cultos, elle assignava um titulo que podia fazer passar os seus direitos de principe da linha protestante para a linha catholica. E' verdade que um principe, por moço que seja, não assigna taes contractos sem primeiro examina-los; por mais que diga o autor que tiverão cuidado de perturbalo, de embriaga-lo, e não sei de que mais, essa scena de melodrama não é capaz de vencer-nos. E' tambem verdade que, uma vez assignado o titulo e posto nas mãos dos Jesuitas, podia o principe protestar á face do mundo e desmascarar a iniquidade commetida; mas não estamos nós nas regiões da fantasia? Paciencia, estamos apenas no principio.

O principe Justus-Erich está casado á vinte annos; tem uma filha bella, piedosa, herdeira dos sentimentos catholicos de sua mãe, mas soffredora e comprimida nessa corte onde domina o odio á Roma. Não soffre somente a sua alma; Justina está doente, os

abalos que lhe agitam a saúde desafião todos os remedios. Um jovem gentilhomem chega junto ao principe: é um Piemonte, o conde Giuseppe della Torre, espirito d'escolha, alma mystica e aventureira, com muitas graças seductoras. Elle se occupa de magnetismo, e com o auxilio dessa potencia mysteriosa, pretende curar a princeza. Ora Justina ouviu-lhe fallar de religião, ouviu-lhe exprimir idéas originaes e atrevidas acerca das relações das duas igrejas que dividem entre si as raças germanica e romana. « A igreja de Luthero, dizia o jovem conde, não tem se não uma missão puramente transitoria; é mister um novo catholicismo, o catholicismo verdadeiro, e é a reforma, já por si insufficiente, é a reforma quem tornou possivel esse catholicismo do futuro. » Apesar do que tem de vago e de indefinito, essas doutrinas forão para Justina uma especie de alivio; ella escutou como a um consolador aquelle que por tal guiza ousava fallar n'uma corte onde reina uma theologia toda contraria, a theologia de um protestantismo estreito, feroz e para sempre immobilisado; sim, ella o escutou com ineffavel enlevo, ficou-lhe suspensa dos labios, por tal modo que depois de um serão em que o conde della Torre a adormeceu pela influencia magnetica, a bella magnetisada ergue-se, sahe de uma camara, atravessa os vestibulos, chega á casa do gentilhomem, precipita-se em seus braços, e envolve-o com suas caricias. Apenas o conde della Torre tornou á si de sua surpresa, que o pai de Justina se apresenta á porta da camara. Grande escandalo, como pensaes, colera do principe, casamento obrigado do conde della Torre e da princeza Justina. O que era entretanto esse conde della Torre? Um padre catholico, um membro da sociedade de Jesus que nada deseja mais do que atirar fôra o habito, e que conserva todavia de seu antigo estado decidido gosto pelas associações mysteriosas. E' sempre jesuita, embora muito emancipado; é além disto pedreiro livre e tem relações com o conde de Saint-Germain. Não esqueçamos um ponto importante: antes de ser admittido ás ordens, o conde da Torre desposou uma Vauchoise, chamada Mormona, que elle suppoz converter ao catholicismo e que, morrendo pouco tempo depois, foi beatificada pelo santo padre, o papa Benedicto XIV, mesmo no momento em que os jesuitas mandavam raptar, não se sabe porque, o filho da santa e do conde. O jesuita da Torre estava á procura de seu filho, quando a aventura de que fallei o obrigou a desposar a princeza Justina; desse matrimonio nasceu um filho e eis o pobre principe Justus-Erich que cahe de Carybdes em Sylla. Sabeis que boas razões tem elle para aborrecer os membros da celebre companhia, e seu genro é um desses homens malditos! e seu neto, filho do jesuita, será o herdeiro da sua coroa! E' a historia mui confusa dessa familia, historia do conde da Torre, historia de seus dous filhos e de suas relações com o principe Justus-Erich, que constitue o assumpto do romance de M. Kuhne.

(Continuar-se-ha.)

CORRESPONDENCIAS.

Villa de Tacaratú 20 de novembro de 1855.

Srs. Redactores.

Lá vão minhas toscas linhas sempre mal alinhavadas, de modo que pouco hão de agradar aos amantes da leitura do *Liberal*; mas apesar disso, sou pontual para com o meu compromisso, e a declarar somente a verdade pura, embora as minhas missivas tenham marchado irregularmente pela falta de correio d'este termo para essa cidade.

Tenho perdido algumas occasiões de portadores menos seguros; e o desaparecimento de quatro missivas, tem dado lugar á que eu me apoderasse de sérios receios; não é que eu tenha medo de que me atirem em rosto o ferrete da mentira; somente não quero ser conhecido, para poder rir-me á custa dos toleirões fofos, que querem fazer persuadir ao publico, que são elles, que fazem aquillo de que nunca se lembrarão. Quer Vmc. saber o queo disse um delles? Apparecendo no *Liberal* uma de minhas missivas, em que tractava do professor Miguel Archango Pimentel, dizia o pobre moço, — toma lá bode do dizimo, conhece o terreno; tu cuidavas, que aquí tudo era mudo? — e ficou tão ufano, que parecia ter tirado a sorte grande dos vinte contos, e não sabia que em sua frente estava, quem o estivesse desfructando: é este o motivo porque não quero ser

conhecido, [dispreso algumas occasiões, e só procuro via segura.

Oh desviei-me completamente da senda que devia trilhar, mas, voltando á materia, passarei a noticiar-lhe alguma cousa de mais importancia; e isso que vou dizer, não se persuada que é inexacto: não; é uma verdade pura, e para dizer a verdade, não preciso embuçar-me na capa do anonimo.

Principiarei pelos trabalhos do jury, que teve lugar a 15 de outubro sob a presidencia do Sr. Dr. Rodrigo Castor de Albuquerque Maranhão, durarão as sessões do jury desesseis dias successivos, tendo-se recolhido um grande numero de criminosos, e outros que forão capturados chegou o seu numero total a quarenta e seis, d'estes entrarão em julgamento trinta e sete; sendo o numero de processos, trinta e tres; á saber, oito de homicidio, dez de tentativa, sete de ferimentos leves, cinco de uso de armas prohibidas, dous de fuga de presos e um de ameaças; deixarão de entrar em julgamento nove por se eucerrarem os trabalhos; entre os que forão julgados, sahirão dous condemnados, um com desesseis annos e quatro mezes e outro a sete ditos; os quaes appellarão da; decisões do jury, sahirão mais sete appellados, cinco pelo Sr. juiz de direito; e dous pelo promotor; os mais todos erão innocentes, e entre os appellados, é um o réo João Pereira de Souza Barros, que roubou a existencia de seu irmão legitimo, Adriano de Souza Barros, por andar aquelle entretendo relações criminosas com a mulher do morto; e achando-se o crime sufficientemente provado pelo depoimento das testemunhas, corpo de delicto, e interrogatorio do réo foi elle absolvido.

E' mister que os juizes de facto tenham tanta comiserção, porque se procedesse d'outro modo, por certo este termo muito deviria soffrer, não pelos crimes do povo, e sim porque de algum tempo a esta parte, temos tido um numero de empregados, que para a formação da culpa aproveitão as calumnias e as mentiras, as intrigas, e isto reunido ao odio, ao rancor do empregado, forma-se o processo com justiça, e sem ella; principaimente, dous subdelegados, que tem regido a freguezia de Floresta, Manoel Pires de Carvalho Belfort, e Antonio Gonçalves Torres e Silva hoje subdelegado actual; se o governo soubesse quem são estes monstros, nunca lhes daria emprego algum.

Outro tanto não digo a respeito do Sr. Dr. Marcos Correia da Camara Tamarindo, que praza ao Céu, que sempre tivessemos aqui um magistrado tão honrado; lembrado estará Vmc. que em fevereiro deste corrente anno, foi pelo *Diario de Pernambuco*, por intermedio do seu correspondente que aqui tem publicado o grande numero de criminosos que em janeiro achavão-se na cadeia desta villa, e que entrarão em julgamentos, e agora me é forçoso dizer que entre as dus sessões do anno, apparecerão noventa e tantos criminosos; veja por tanto se é ou não, exacto o que lhe digo a respeito dos empregados? não sei quando desaparecerão tantos absurdos.

Basta de jury, que já estou aborrecido; e irei tratar do mais, continua este termo em paz, e só continua nma grande seca, de sorte que os gados se achão em triste estado, e os fazendeiros bem poucos lisongeiros; os viveres em alto preço, a salubridade não vai bem, pois tem morrido algumas pessoas, e estão outros para isso, e dizem ser as febreas. Adeus até logo, o

Tacarutense.

TRANSCRICÇÃO.

THE MERRY CHRISTMAS.

Ou o Natal em Inglaterra.

Eis chegado para os inglezes o dia de regozijo, *the merry Cgristmas*! A essa exclamação de Natal esquece a Inglaterra suas docas, seus emporios, seus armazens, seus navios, seu parlamento; dá tregoa aos seus maiores cuidados: a politica e o commercio deixa navegar ao acaso por um dia a bolsa domestica e a ná do Estado nas ondas de cerveja no meio de cachopos de puddings. Nada de calculos, nada de discursos graves; venhão porém o *ale*, o *gin*, o *whisky*, lagos de *punch* chammejante, e sobretudo pasteis de pato! . . . Deu a hora do Natal, trazendo consigo os festins antigos, os regozijos tradicionaes e restituindo á moderna Grãa-Bretanha a face rubicunda e jovial da velha Inglaterra,

A França, apesar de ser vizinha da Inglaterra, nem tem idéa do que é este *festivo Christmas*. Tocou-a o scepticismo com o seu

O LIBERAL PERNAMBUCANO.

JORNAL POLITICO E SOCIAL.

O Liberal Pernambucano publica-se diariamente, e subserve-se na typographia da rua do Collegio N. 14 a 35000 por tres mezes pagos adiantados: os annuncios para os Srs. assignantes são pagos a 20 réis por linha; correspondencias e outra qualquer publicação pagar-se-ha o que se convencionar: os interessados se deverão entender com o Editor na mesma typographia. A Redacção é distincta da Administração.

Anno V.

Quarta-feira 23 de Janeiro de 1856.

Numero 986.

O LIBERAL PERNAMBUCANO.

RECIFE, 22 DE JANERO.

Chegou hoje do Rio de Janeiro o vapor *Avon* trazendo-nos datas da corte que alcançou a 14 do corrente.

Nada occorreu de notavel nos quatro dias que adianta.

Por decreto de 10 da corrente:

Foi reconduzido o conselheiro Antonio Ignacio de Azevedo no lugar de presidente da relação de Pernambuco.

Por decreto de 11 deste mez teve mercê da serventia vitalicia do officio de escrivão do juizo especial do commercio de Pernambuco, Francisco Ignacio de Torres Bandeira.

VARIEDADE.

Cartas de um habitante da terra, escriptas do Recife, a um habitante do planeta Mercurio.

II.

Meu caro amigo, o prometido é devido; fazem oito dias que enviei-lhe a primeira noticia do que se passa por este cantinho da terra; e para que vossê não comece por mim a julgar mal de nossa pontualidade, vou dar cumprimento á minha promessa; cada vez mais me convengo de que me falta a necessaria aptidão para o bom desempenho de tão pesada tarefa. Por onde principiarei eu? Pelo que mais attrahe a attenção do dia, pelo flagello da peste que nos açouta. Sim, meu amigo, o *cholera*, esse viajante universal que entrou na Europa com a nova civilização, com a civilização do seculo XIX, tambem nos veio visitar; tem corrido diversas provincias e ci-la a passear no nosso Pernambuco, tendo-lhe invadido os limites com uma sem-ceremonia admiravel. Estes homens cá da terra, meu amigo, são uns pobres orgulhosos, para quem Deos e a Providencia parece que pouco ou nada significão; em verdado Voltaire representando-os, tollos e orgulhosos como são, debaixo da imagem do seu Micromegas, ostentou-se homem de espirito.

Não virão os de cá, que a nova civilização ia invadir o Brasil e que o flagello dessa mesma civilização havia de por cá apparecer para preparar-lhe o terreno, e dar impulso aos novos interesses. Não vêem esses homens que os emperrados, só levados á chicote fazem alguma coisa, e cedem um tanto de seus prejuizos e de suas pretensões. Foi um gôsto, meu amigo, o nosso presidente, o nosso conselho de hygiene, assentaram que podião com seus meios misererrimos pôr embaraços á viagem do *civilizador*, e salvarem o *status quo*; e nesse intuito crearão uma coisa chamada — *quarentena* — e assentaram n'uma ilha denominada — Nogueira ou Pina —

FOLHETIM.

HOFFMANN. (*)

CONTOS NOCTURNOS.

O MORGADO.

— Pois bem! disse o velho, a noite proxima velaremos juntos. Ema voz interna me diz que minha força intellectual me servirá menos que minha coragem; tenho a firme convicção de que o espectro maldito deve ceder-lhe, e que longe de ser criminosa, minha empreza é boa e util. Se exponho minha cabeça e minha vida é para combater um ser máo, que tem expellido os filhos da morada de seus antepassados. Auguro bem de meus esforços; a firmeza que levar na luta, os pios sentimentos que me animão pôrão a honra e a victoria a meu lado. Mas se a vontade de Deos permittir que o poder do mal triumphe de mim, deverás attestar, primo, que, apozar de minha derrota, sustentei ao menos como homem de bem e como christão o combate travado com o máo espirito, cuja presença perturba a paz destes lugares!... Enquanto a ti, ficarás longe de mim, e nada terás a receiar.

Vide o Liberal n. 985.

uma barraca, palhoça, ou cousa que valha, á que denominarão — *Lazareto* —, onde serão atormentados os pobres que chegãvao dos portos infeccionados. Todo o mundo ria-se dessa miseravel barreira opposta ao impetuoso transito do gigante, e gente havia que se irritava de ver que se traficava até com os males da humanidade. Sabe vossê o que fez o gigante assolador? caçou com o nosso José Bento e com o seu conselho de hygiene, e com o seu lazareto, e com as suas quarentenas; veio-nos pela retaguarda, dando gargalhadas estrondosas. Pensarão que a civilização só caminhava embarcada, e ella mostrou que tambem sabia andar por terra. E como, meu amigo, com que tactica? Vae-nos pondo a cidade em cerco; passou da Bahia para as Alagoas atravessando o rio San-Francisco, com um passo; estendeu-se de Penedo por toda aquella provincia, e, entrando-nos pelo Sul, já se vae estendendo ao Norte e encaminhando-se airoso para a capital. É a civilização que nos bate os flancos, são os novos interesses que veem desalojar de seus dominios os velhos interesses emperrados que só com o azorrague da Providencia cedem de seu capricho, de sua teima. É da condição humana, meu amigo, que só de um grande mal pôde nascer um bem. Quantas pessoas não estarão aterradas? Mas aterradas de que? Da morte? Ora, meu amigo, e o que é a morte? Quer que lhe diga uma coisa, eu cá penso que isso de morte não vale muita coisa; é verdade que ainda lhe não senti de perto as garras. Mas como cerio o que me ensinarão os meus paes, que lhes ensinarão os meus avós, que o soubirão de seus antepassados, isto é, que os inimigos da alma são tres — *mundo, diabo e carne* — e que a morte nos livra de dous desses inimigos que são o *mundo* e a *carne*, me parece que ella é sempre um bem para aquelle que não está de todo entregue ao terceiro que é o *diabo*. E note, que quem mais teme a morte é aquelle que mais entregue se acha a esses tres inimigos. Aquelle, meu amigo, que erê na *alma* e que está compenetrado de sua *immortalidade*, não pôde arrecear-se da morte, uma vez que esta lhe deixe momentos para reconciliar-se com o seu Supremo Julgador. O horror que a peste inspira é filho do sangue frio em que estão as populações; porque peiores do que a peste são as guerras, filhas das paixões caprichosas dos homens, e para as quaes milhares e milhares de homens caminham entusiasmados por alguma palavra vasia de sentido e que algum espertalhão lançou da bôca, como expressão do mais acanhado e individual egoismo, mas que soube dourar com algum desses palavões — como *liberdade, patriotismo, etc.*

Meu amigo, o que se passa neste pobre planeta que me coube por sorte habitar, é uma misererrima comedia, que ora desafia as lagrimas do homem sensivel, ora as garga-

Era chegada a noite; depois das penosas e multiplicas occupações, Franz tinha servido a ceia, como na vespera, e trazido o *punch* preparado para nós. A lua cheia brilhava com todo o seu esplendor no meio das nuvens resplandecentes; as vagas do mar bramão; o vento da noite uivava e abalava com ruído as vidraças das janellas de forma ogival. Uma predisposição interna levou-nos a conversar sobre cousas indifferentes.

O velho collocára sobre a meza o seu relógio de repetição; e elle dava meia noite.

Nesse momento abriu-se a porta com um estrondo medonho, e passos leves e ligeiros atravessarão a sala, como na vespera, o gemidos e soluço se fizeram ouvir.

Meu tio tornou-se pallido, porém seus olhos scintillarão um fogo desconhecido; ergueu-se de sua cadeira, e em pé com toda altura de seu grande talho, com o brago esquerdo apoiado sobre o quadril e a mão direita estendida, ficou immovel no meio da sala, na attitudo do mando.

Entretanto os soluços e gemidos tornarão-se mais penetrantes e mais distinctos, e pozerão-se a arrastar a parede em diferentes lugares de uma maneira ainda mais horrenda que na vespera;

Então o velho justiciero adiantou-se para a porta tapada com passos firmes e retumbantes; parou no lugar em que se continuava a arrastar cada vez mais fortemente, e com uma voz firme e solemne disse:

— Daniel! Daniel! que fazes aqui a esta hora?

Derão um grito sinistro e estranho, e ouvirão no soalho o estrondo da queda de um corpo pesado.

— Procura graça e misericordia diante do throno

lhadas do cynico. É sempre a humanidade com seus erros, com seu orgulho, com suas pretensões, com suas miserias! Ha poucos dias um preso da cadeia de um lugarejo a que chamão — *Olinda* — matou ao pobre carcereiro com umas poucas de facadas; ora diga-me: não é isso mais horrivel do que o *cholera* com todo o seu apparato? Em minha opinião é; porque ha ali um crime que attrahirá sobre a cabeça de quem o perpetrar um castigo horroroso, ao passo que o *cholera* é um acto providencial, que porá termo á muitos males e abrirá a porta á muitos bens.

Entretanto, o que é notavel, é o egoismo criminoso com que se vão comportando os poderosos d'aqui, e principalmente o tal José Bento. Cruzou os braços, meu amigo, e mais parece uma materia inerte, do que um coração unido a uma intelligencia. Em quanto o presidente de Alagoas attrahe o amor dos Alagoanos com actos de humanidade, o José Bento, como a mais simples expressão do egoismo, não se abala, não se move!

Escolhen uma commissão encarregada de tirar osmolos para soccorro dos desgraçados que forem atacados da peste, e dessa commissão fez parte o vigario da freguezia de Santo Antonio. Pois sabe, como se portou a tal commissão, e principalmente o tal vigario que se chama Resendi? Teve o despiante de escrever perante o publico, que o produzido arreceado era quasi nenhum, porque elle e os mais membros da commissão não podião andar subindo as escadas! Que tal não é o espirito evangelico desse bom vigario! Faça idéa, meu amigo, dos serviços que esse ministro da Igreja não prestará ás pobres ovelhas, que lhe forão confiadas! Trata-se de uma subscrição para alivio das desgraças do pobre, e esse padre egoista, que tosqueia diariamente a lã das miserias ovelhas, furtase a um pequeno sacrificio! E note que essa coisa que se vê por ali todo de tunica larga, cheia de alamares, e assistindo aos actos da Igreja com uma grande placa nos pitos, foi um grande *republicano*, isto é, o *amigo do povo*! E creia o povo n'aquelles que a titulo de *republicanos* se dizem seus amigos! São espertalhões de grosso calibre, orgulhosos e enfatuados, que querem que todos desçam ao seu nivel, porque não podem elevar-se ao nivel dos mais altos.

E por isso nos parece muito acertado aquelle pensamento de Montaigne, que os povos deverião ter sempre presente ao espirito:

« Il est bon de rappeler á tous les enfans perdus qui errent dans toutes les capitales de l'Europe, le cœur gonflé de fiel, ou (ce qui est un cas plus frequent) l'esprit plein de vent impur et dessechant que soufflé le siècle, que l'ideal de la democracie, ce n'est pas l'orgueil ni la revolte, ce n'est pas même l'honneur et la bonne volonté, ni au-

do Altissimo, é lá o teu lugar! mas sahe desta vida, onde não te é mais possivel entrar.

Assim fallou meu tio com a voz ainda mais trovejante que d'antes. Pareceu-nos que um ligeiro suspiro delisava através dos ares e se confundia com o sibilar da tempestade que começava a elevar-se. O velho aproximou-se da porta, e fechou-a com um estrondo que abalou a ante-camara abandonada. Suas palavras, seu aspecto tinham alguma coisa de sobre-humano que me fez estremecer. Quando sentou-se na cadeira, seu olhar era radiante; unio as mãos e orou sem fallar: alguns minutos depois disse com essa voz branda e tocante que sabia tomar:

— Então, primo!

Cheio de espanto, horror, aniedade, de santo respeito qamor cabi aos seus joelhos, e banhei suas mãos e lagrimas ardentes. O velho me apertou em seus braços e enquanto me opprimia contra seu coração, disse-me com calma:

— Jáo primo, agora vamos dormir socegados.

Com effeito, nada de extraordinario se fez notar nas noites seguintes; recolhei minha antiga alegria, e deixei de tener as velhas baronezas. Todavia ellas conservavão sempre a meus olhos alguma coisa de fantaseio, com suas maneiras extraordinarias, e eu sempre as considerava como apparições comicas que meu tio sabia animar de um modo inteiramente factico.

IV.

Muitos dias depois, chegou enfim o barão com sua mulher e um numeroso sequito de caça. Os hospedes que havia convocado se reunirão; o castello tor-

cune des qualités sympathiques de l'homme, mais la vérité et la sainteté transportées de l'accomplissement des devoirs religieux dans l'accomplissement des obligations temporelles et des devoirs du citoyen. »

Veremos, como se porta o ex-republicano vigario, quando a peste estiver na cidade, assolando os egoistas. Meu amigo, a actualidade tormentosa de Pernambuco exprime perfeitamente o que é a sua aristocracia; o que mais me anima é' que os taes aristocratas não de ser os primeiros que a cholera divina ha de punir.

Em minha opinião era o tempo de chegar o *cholera* para acabar de desmoronar o velho edificio. A nova phase em que vamos entrar se annuncia de todas as partes; de todos os lados se brada — *progresso* —, e o movimento jornalístico e litterario se faz eminentemente notavel. A corte do Rio de Janeiro vê cada dia um jornal, um periodico, que fallam em nome da litteratura, da medicina, da jurisprudencia, enfim das sciencias e das artes. O gabinete actual parece animado dos melhores desejos, a excepção do Nabuco que é na phase que se abre um borrão do passado, é a unha de Satanaz para manchar a nova obra. Causa porém extraordinaria! O mesmo Nabuco com os seus regulamentos, com a sua sciencia de retalhos, com a sua reconhecida mediocridade, á força de querer reformar o velho edificio para cousa mais antiga, tem-lhe dado golpes horrendos, tem-lhe aberto fendas, e dest'arte tem-lhe cada vez mais appressado a ruina e o desmoronamento. Já vêo meu amigo que era tempo de chegar o *cholera*, para dar impulso á obra providencial. O *cholera* no Brasil comparado com o *cholera* na Europa, mede a distancia de uma civilização á outra.

Pode-se dizer que o passado tem chegado ás suas ultimas consequencias, ao chaos, e que desse chaos ha de nascer a nova ordem. Deixe o povo caminhar o *cholera*, não o tema, erga os olhos ao céo, dirija suas preces á Providencia, tenha nos altos designios a mais plena confiança, e lembre-se de que elle prepará aos vindouros melhor destino.

Do que fica relatado, meu estimavel amigo, já vê vossê qual é o estado social do meu pobre Pernambuco; e se quer fazer uma idea mais palpavel, en lhe vou contar uma coisa, que por certo lhe ha de fazer dar meia duzia de gargalhadas.

Passeando-se por todas as ruas e arredores desta capital de Pernambuco, ha duas casas que atrahem a attenção do observador. Uma é sita em um lugar chamado — *Pombal* — e outra em uma rua conhecida pelo nome de — *rua da Aurora*. — A primeira é uma especie de gaiola, onde figura a mais completa desordem. Tem de tudo, meu amigo, tem por detraz uma torrinha facada, que parece um brinco de creanças; a fachada está reconstruida de novo, assim como a ala esquerda, em um estylo de architectura que

nou-se vivo, animado, tal como já o descrevemos. Quando o barão, immediatamente depois de sua chegada, entrou em nossa sala, pareceu extremamente perturbado por nos haverem collocado ali, em vez de nos conservarem o aposento habitual do justiciero. Lançou um olhar sombrio sobre a porta condemnada, e, desviando-se apressadamente, levou a mão a fronte, como se quizesse afastar uma triste recordação.

Meu tio fallou-lhe do estado de decadencia da sala de audiencia, e das camaras visinhas. O barão queixou-se de Franz não nos hospedar melhor, e obrigou com muita affabilidade meu velho tio a pedir tudo o que fosse susceptvel de tornar sua morada mais comoda, e sua posição mais toleravel.

Em geral o comportamento do barão para com meu tio era não só cordial, como respeitoso: e sua attitudo parecia a de um filho para com seu pai. A deferencia que lhe testemunhava fazia-me esquecer as maneiras rudes e a arrogancia de que dava provas cada vez mais evidentes. Fingio não me observar, e vio em mim um escrevente ordinario. Desde a primeira sessão, quando eu redigia um auto, quiz notar algumas faltas em meu trabalho; o sangue subio-me as faces, e estava a ponto de dirigir-lhe uma replica mordaz, quando meu tio tomando a palavra, declarou que eu obrava sempre directamente segundo suas vistas, e que o seu parecer, ao menos em materias judicicias, devia ser preponderante.

(Continuar-se-ha.)

duvido haja architecto que possa dizer á que ordem pertence: a ala direita é um velho pardieiro, que exprime a miseravel architectura de alguns annos passados. Essa miscellanea que se assemelha á uma velha de chinó, com uma face enrugada, e com a outra arribada, é a morada do muito alto senhor Barão de Suassuna, o chefe da mais aristocratica casa deste Pernambuco, senão deste Brasil inteiro. E porque razão o velho Barão mandou reconstruir essa fachada e essa azo esquerda? Pois não advinha, meu amigo? Foi para na fachada, bem em cima, e no lugar mais saliente, mandar fazer um grande escudo com as armas da familia. Não se ria, meu amigo; o que lhe digo he a pura verdade. Bem vê, que a gloria do tal Barão deve ser immorttal, e que cousa mais propria á immortalisar do que um escudo de barro, caído, e com umas cousas que na linguagem heraldica querem dizer muita cousa?

A segunda he uma casa de melhor gosto, com alguma architectura, e que cahe tambem no mesmo ridiculo; porque tem na fachada uma ontra peça de igual faez: — um escudo com uma cousa á que chamão armas de familia. Pertence ao mui nobre Barão de Boa-Vista e lhe foi doada pelo commercio.

Ora, meu amigo, não me dirá: ha nada mais tollo, e mais ridiculo do que essas immortalidades em escudos de barro, que se desmoronão com um martello? Não veem os Srs. Barão de Suassuna e Barão de Boa-Vista que taes asneiras só provão contra o seu bom senso? O que querem dizer em um paiz como o Brasil escudos de barro com armas de nobreza gravadas nelles?

Esses dous homens são brasileiros? São, e ate são Pernambucanos. Qual he a base da sociedade brasileira? E a constituição do imperio. E quaes são as distincções de nobreza reconhecidas pela constituição? *Talento e virtudes.*

Ora, será possível que os Srs. barão de Suassuna e barão de Boa-vista se tenham na conta dos homens mais talentosos e virtuosos, ja não digo do Brasil, e sim de Pernambuco? Mettão esses senhores a mão na sua consciencia e respondão. E se forem rasoaveis, hão de concordar, que as suas casas são as mais destructaveis que existem em Pernambuco.

Supponha agora o meu amigo que um estrangeiro chega a Pernambuco, como o primeiro ponto á que de fóra se chega no Brasil. O que fará em primeiro lugar, para avaliar a nossa situação como povo, como nação? A primeira cousa certamente de que lançará mão ha de ser a constituição, o pacto fundamental, onde estão os elementos constitutivos da sociedade brasileira. Esse estrangeiro dirá certamente consigo: — procuremos as classes distinctas desta sociedade, e a força de folhear a tal constituição lá encontraria o tal principio—*dos talentos e virtudes.* Bem, dirá elle, aqui o mais talentoso e virtuoso será o mais nobre.

No dia seguinte, ei-lo á correr as ruas e arredores, e não lhe escaparão as duas nobilissimas casas; infallivelmente tomaria nota dellas, e provavelmente havia de querer visitá-las.

Acompanhemos o estrangeiro na visita do Sr. barão de Suassuna e depois na visita do Sr. barão de Boa-vista. Ah! meu amigo, nem sei como será possível conter o riso, quando o viajante se metter a puchar pelos homens na alta politica, na alta litteratura, na alta sciencia! Aposto que os dous barões hão de dar de si uma bem pobre idéa! Pense que encontrará no primeiro estudada reserva e friesa e no segundo maneiras affaveis, palavrinhas doces, modos de baile: sciencia, talentos! Um! Creio, que não, meu amigo. O estrangeiro fará suas reflexões e por certo ha de tomar nota em sua carteira e quando escrever as suas viagens á Pernambuco, por certo que fará a seguinte reflexão:

« Em Pernambuco ha dous homens eminentemente revolucionarios e desordeiros; esses são o barão de Suassuna e o barão da Boa-vista. »

E terá razão; porque a revolução é a reacção contra o pacto fundamental de uma nação; e as casas do barão de Suassuna e do barão de Boa-vista conservão em suas fachadas duas senhas revolucionarias, dous protestos contra o principio constitucional. Não e pois para admirar, meu amigo, que esses dous homens, que se dizem chefes de duas aristocracias, sejão os dous primeiros revolucionarios de Pernambuco; e tiverão o displante de aqui formarem uma cousa chamada partido que tomou o nome de *ordeiro*! Não se lembravão por certo daquella bonita

canção de Dupont, que diz assim, em referência ao barão Euzébio:

« Il parle au nom de la science
« Et de l'amour au vieux baron,
« Qui porte croix et fer de lance
« Sur chant d'azur avec fleuron:
« Ce serait une vilénie,
« Dit le baron peu convaincu,
« De voir figurer ton gené
« Et ton amour sur mon écu. »

E note, meu amigo, que o tal José Beato é tão pobre de intelligencia e tão servil que, uma vez disse na camara dos deputados que — os dous barões não erão revolucionarios porque tinham os taes escudos d'armas nas suas fachadas! Erão a prova mais evidente de que erão dous revolucionarios.

Agora, meu amigo, por quem serão habitados esses dous importantes palacios, depois da morte de seus donos? Quem lhes levará á posteridade a tal aristocracia de escudo de barro basculhado de cal? *hoc opus, hic labor est.*

Se vossê tivesse amizade com esses dous Pernambucanos, eu lhe pediria que lhes aconselhasse, para que mandassem deitar abaixo esses dous desfructes de barro, que só servem para motivo de escarneo. Faça-lhes sentir que a unica aristocracia que se perpetua, é aquella que se baseia na alma: — o talento e a virtude. Se elles não podem sobressahir por estas duas qualidades, o melhor é acabar com essas exterioridades ridiculas que nada exprimem.

Ante-hontem chegou da corte o vapor *Parrand*; estavam á espera de quem viesse substituir o José Beato; mas qual! Parece que em quanto o Nabuco estiver no ministerio, essa causa não deixará o leme da provincia, embora a vá levando por cachopos e baixios, e esteja na opinião publica tão razo como o chão.

Meu amigo, tenho tanta cousa que dizer-lhe! Mas, já tenho-lhe escripto bastante, estou cansado, e agora só d'aquí á oito dias. Seu amigo

O habitante da terra.

PHILOSOPHIA.

Estudos religiosos, moraes e politicos sobre a VONTADE.

I.

A vontade em Deos, a vontade na humanidade, a vontade no homem: eis em nossa opinião, qual devera ser o alvo principal dos estudos do historiador, do moralista, do politico, do philosopho. E' pela vontade que se deve graduar o progresso da humanidade e a consideração do homem. Todas as mais faculdades são secundarias e estão ao serviço da vontade. Entretanto não vemos que para esse ponto se tenha applicado toda a attenção necessaria; busca-se antes estudar a intelligencia; busca-se mais persequer os arcanos da sensibilidade; e mais por estas duas faculdades do que por aquella mede-seo progresso da humanidade e do homem. Não seria conveniente determinar nos espiritos uma tendencia para o estudo da vontade em todas as espheras em que ella pode desenvolver-se? Vamo-nos por certo entranhar por um terreno espinhoso e tomar sobre nossos hombros uma tarefa por demais pesada; mas, cumpramos o nosso destino, digamos com franqueza o que nos assomar ao pensamento, e aquellos que nos lerem julguem as nossas palavras e as nossas doutrinas, como lhes parecer.

Qual é a faculdade principal do homem, aquella que o constitue homem, que o constitue pessoa, que o constitue capaz de premio ou castigo? A vontade.

E o que é a vontade? E' a faculdade de querer. O homem que pode dizer—*eu quero*,—esse tem vontade. A vontade absoluta dirá *eu quero, porque quero*; mas a vontade relativa, a vontade humana diz — *eu quero por isso ou por aquillo.*—A vontade relativa que não dá a razão do seu querer, é uma vontade louca, sem responsabilidade possível. A vontade e os seus motivos: — eis toda a teoria da personalidade. E os motivos que drigem a vontade não lhe destroem a liberdade; por que a liberdade consiste no poder de escolher os motivos, no poder de afastar a acção das causas más que possão influir sobre a conta-

de; liberdade que é muito limitada, mas sem a qual a vontade deixaria de ser vontade.

Porque queremos praticar antes assim do que por outro modo? Ou porque essa é a vontade de Deos; ou porque cumpre satisfazer aos prazeres do icorpo; ou porque cumpre satisfazer aos prazeres do espirito; ou porque cumpre satisfazer aos prazeres do corpo combinados com os prazeres do espirito. No primeiro caso Deos é o impulso ou o motivo de nossa vontade; no segundo caso somos nós mesmos esse impulso, o que dá o egoismo material, ou o egoismo espiritual, ou o egoismo material combinado com o espiritual. Em ultimo resultado dous são os motivos que operão sobre nossa vontade: o dever e o egoismo. Qual destes dous motivos merecem a preferencia? O homem foi creado para o homem? Pode ser elle o principio e o fim de sua creação? Fóra absurdo; porque então o homem fóra o ser necessario, e isso implica com a sua natureza de ente creado.

Se o homem foi creado por Deos, elle foi creado para Deos, conforme as suas forças e potencias naturaes. Deos por tanto é o principio e deve ser o fim do homem. Logo todo o principio d'acção, todo o motivo da vontade que tira a sua força do proprio homem é immoral.

Dahi resulta por uma consequencia rigorosissima, que só ha um motivo legitimo d'acção, é o dever, ou a vontade de Deos, e que em opposição á elle está o egoismo, quer material, quer espiritual, quer combinado.

Como poderemos conhecer a vontade de Deos ou o dever? Ha dous meios—*a revelação e a razão.* Qual dos dous deve estar sujeito um ao outro? Decididamente a razão deve estar sujeita á revelação. E porque? Porque a razão é Deos e homem, e a revelação é Deos puramente. A razão, por mais pessoal que se conceba, tem alguma cousa de pessoal e essa parte de personalismo na razão é um gemen de egoismo, ao passo que a revelação é toda impersonal. Mas como crer na revelação sem o apoio da razão? Uma cousa é o testemunho da razão para certeza da revelação, e outra cousa é fornecer a razão por si só o conhecimento da vontade de Deos. A razão, por tanto, não é mais do que um auxiliar da revelação. Provada a necessidade e a realidade da revelação, cumpre seguir a vontade revelada como impulso da vontade humana; a razão esclarecerá essa vontade e creará tendencias naturaes muito consideraveis.

A luta entre o egoismo e o dever, triumphando regularmente aquelle sobre este, constitue o estado da vida transitoria que passamos neste mundo; o triumpho completo do dever sobre o egoismo constitue essa phase que descorrimos para os bemaventurados na vida d'além tumulo.

Quando nasce o egoismo? Com a queda do primeiro homem, que consistiu no quebrantamento da vontade divina. Quando findará o egoismo neste mundo? Quando a humanidade terminará a sua existencia neste mundo. E quando terminará a humanidade a sua existencia neste mundo? Quando o egoismo houver percorrido toda a sua esphera. E quem determinou o esgotamento do egoismo? Jezus Christo, creando a superioridade do espirito sobre a materia, constituindo a alma em sua personalidade, ensinando-lhe que a sua vontade estava submissa á vontade de Deos; e deixando uma instituição que velasse na defensão da vontade de Deos. Essa instituição é a Igreja Catholica.

A historia nos pode fornecer alguns dados acerca do imperio dos motivos na humanidade? Sim. Até Jezus Christo, o imperio do egoismo material: — a materia em sua grandeza selvagem, na civilização egypcia; a materia em sua delicadeza de formas, na civilização grega; a materia em sua transição para o espirito na civilização romana. Depois de Jezus Christo, o triumpho do espirito sobre a materia, e as lutas do egoismo espiritual com o dever revelado.

Em que ponto estamos? O materialismo oriental e musulmano á estorcer-se nas convulsões da morte; o egoismo da civilização anglicana decahindo; o dever egoista da Alemanha vacillante, e o dever revelado do catholicismo em toda a sua força. E a França? Collocada entre Roma e a Alemanha, deve ser o conductor do supremo triumpho. O futuro nos mostra como unica luta possível aquella que se travará entre a razão philosophica da Alemanha e a razão catholica de Roma. O triumpho da razão catholica sobre a razão philosophica dará o completo triumpho do dever sobre o egoismo considerado em todas as suas phases. E depois? Quem sabe? Talvez os mil annos do Apocalypse;

e depois dos mil annos, ou antes, se estes já são passados, a realisação da promessa de Jezus Christo; o termo da humanidade neste mundo; sua ressurreição, e o triumpho completo do dever para os que habitarem a cidade de Santa.

Estamos sonhando? Pensamos que não; pensamos que estamos raciocinando, e o raciocinio não é sonho. E os que quizerem saber se sonhamos, combatão os nossos sonhos e venhão raciocinar com nosco.

E que applicação tem essas cousas entre nós? Toda; porque é mister caminharmos com a civilização, e esta não é medida nem pelo progresso material, nem pelo progresso intellectual, mas sim pelo progresso moral, pelo progresso e desenvolvimento da vontade, tendo por motivo a lei do dever. O progresso da vontade, combinado com o progresso material e com o progresso intellectual, dá a mais alta expressão do progresso humanitario; caminhemos para ali; não nos enamoremos do nosso corpo ou do nosso espirito exclusivamente. Mas que em todas as nossas acções, em todos os nossos trabalhos scientificos e artisticos, se veja o cunho inextinguível do dever. Somos catholicos, procuremos por toda a parte o triumpho da razão catholica; é assim que poderemos seguir *pari passu* o maior progresso humanitario.

F.

LITTERATURA.

UMA ACADEMIA DE ROMANCISTAS NA ALLEMANHA.

Sammlung auserlesener Original—romane, herausgegeben von Otto Muller. — I Afraja, von Theodore Mugge. — II Charlotte Ackermann, Otto Muller. — III Der Dunkelgraf, von Ludwig Bechstein. — IV Der Sonnenwirth, von Hermann Kurz. — V Die Freimaurer, von Gustav Kuhne. — VI Die Familie Ammer, von Ernst Willkomm; 6 vol. Frankfurt 1854—1855.

(Continuação do n. 983.)

(Conclusão.)

Vê-se que a tentativa de M. Otto Muller ainda não cumprio quanto havia prometido. A intenção é excellente, o programma attesta um vivissimo sentimento do que falta hoje ás letras germanicas: a execução é indecisa e não o correspondeu senão de um modo imperfeito ao primeiro pensamento. M. Muller annuncia uma escolha de obras meditadas com cuidado, escriptas com amor, principalmente destinadas á fazerem a educação do publico; elle annuncia obras que tem a pretensão de combaterem e a esperança de substituirem os productos da litteratura mercante, as imitações frivolas do estrangeiro: porque então esquecer q' o que cumpre fazer antes de tudo, é a segurança do juizo e a severidade da escolha? Nada melhor, seguramente, do que reunir em um mesmo pensamento os narradores recém-chegados e os que já derão provas; mas de que serve esse seminario de escriptores, se não ha uma regra séria, uma direcção vigilante, um complexo de doutrinas claramente formuladas? Não se diga que essa unidada de principios prejudicaria á franqueza da imaginação: o o autor de *Carlota Achermann*, o autor do *Sonnenwirth*, o autor de *Afraja*, á despeito das qualidades que os distinguem, marchão evidentemente para o mesmo fim; elles sabem mui bem o que querem, elles tem igual amor á verdade e á arte, e essa preocupação commum, em vez de prender-lhes o impulso, parece ter-lhes duplicado as forças. Expliquei pelo contrario a razão porque eu excluiria do cenaculo as obras de M. Gustavo Kuhne, de M. Ernesto Willkomm, e sobre tudo de M. Luiz Bechstein. De balde assignalar-se-ão na *Familia Ammer* idéas elevadas ou antes desejos, esboços de idéas; em vão dir-se-ia que ha aqui ou ali uma intenção philosophica séria no symbolico romance dos *Pedreiros-livres*; os dous escriptores deixarão-se completamente desvairar, M. Gustavo Kuhne por uma subtiliza obscura e por uma extravagante audacia, M. Ernesto Willkomm por uma desgeitosa volta aos modelos suspeitos que se haviam renegado para sempre. Não discuto M. Bechstein, porque a discussão não saberia sobre q' versar, e apenas accrescento esta conclusão: —dessas seis primeiras obras, que deverião despertar no espirito publico o amor da arte séria, só tres não são repellidas pela arte séria.

Perdoe-me M. Otto Muller que eu insista: elle assumio grande responsabilidade ao aceitar a direcção de semelhante empreza. A

O LIBERAL PERNAMBUCANO.

JORNAL POLITICO E SOCIAL.

O Liberal Pernambucano publica-se diariamente, e subscree-se na typographia da rua do Collegio N. 14 a 35000 por tres mezes pagos adiantados: os annuncios para os Srs. assignantes são pagos a 20 réis por linha; correspondencias e outra qualquer publicação pagar-se-ha o que se convencionar: os interessados se deverão entender com o Editor na mesma typographia. A Redacção é distincta da Administração.

Anno V.

Quarta feira 30 de Janeiro de 1856.

Numero 992.

VARIEDADE.

Cartas de um habitante da terra, escriptas do Recife, a um habitante do planeta Mercurio.

III.

Meu estimavel amigo, eis-me com a penna na mão á desempenhar o dever que contrahi para com vossê, de noticiar-lhe o que por aqui de mais notavel fôr occorrendo. Ainda, como na passada, o objecto mais importante que nos attrahe a attenção é o cholera, ou cousa que com elle se parece; uma comarca á algumas leguas desta capital, denominada Victoria, vai soffrendo os desapiedados golpes do terrivel viajante. O nosso José Bento tem-se visto em papos d'aranha, e não sabe o que faça; não se preparou com tempo e não é de admirar que se veja agora entre a cruz e a cal-de-irinha. Sobre elle certamente pesa grande responsabilidade, e quando chegar o esposo dessa virgem louca lhe pedirá contas restrictas, por não lhe haver preparado o leito nupcial com a pompa de que era elle credor.

Mas pensa vossê, meu amigo, que o cholera é o unico flagello com que estamos a braços? Não certamente; outro mais terrivel o acompanha, é a fome. A fome em um paiz tão vasto e tão rico como este! Mas o que quer, meu amigo, se as cousas nesta terra caminham de um modo pouco ou nada comprehensivel? O que quer, se as bases sociaes se achão aqui assentadas na iniquidade e na barbaria?

Sabe o meu amigo que o trabalho é a origem, é a fonte de toda a riqueza, de toda a abundancia social, e que esse trabalho se apresenta nas sociedades debaixo de tres relações, resultando d'ahi a triplice distincção economica de — agricultura, commercio e industria. Ora desses tres modos de applicar o trabalho, aquelle que está á frente da riqueza é a agricultura. Onde a agricultura constitue um monopolio, um privilegio de poucos, não é de admirar que as outras classes soffram; junto a isso que o commercio está tambem monopolizado por estrangeiros e que a industria nem ainda se pôde dizer que tenha sahido dos coeiros, e diga e avalie qual será o estado da riqueza social entre nós.

A nossa população pôde ser avaliada em 1.000.000 de habitantes e d'entre estes se calculão em 600.000 os livres e em 400.000 os escravos. Talvez o numero dos proprietarios territoriaes não exceda de 10.000; e teremos 590.000 homens livres sem terras, o sem industria que lhes proporcionem lucros sufficientes para satisfazer as suas necessidades de todo o genero. O alimento

comum é a carne, o bacalhão, a farinha de mandioca e a farinha de trigo. A exportação se alimenta quasi exclusivamente do assucar e do algodão, e as cousas que alimentão o consumo nos veem em grande parte por importação.

Antigamente os proprietarios territoriaes tratavão tambem da pequena cultura que lhes satisfazia as primeiras necessidades de seus escravos; mas hoje, os seus cuidados se teem voltado sómente para a grande cultura, porque os lucros que d'ahi tirão são sufficientes para a compra dos generos de primeira necessidade.

Segundo o que fica ponderado, temos que as primeiras trocas se effectuarão entre os grandes agricultores e os importadores. E esses agricultores são grandes consumidores, porque a maxima parte dos escravos constituem as suas fabricas.

O que resultará de semelhante estado de cousas? Resultará necessariamente que a população livre soffrerá muito nos tempos de escassez, porque já nas epochas ordinarias a sua substancia é difficil e muito limitada.

O emprego das machinas suscitou na Europa grandes questões economicas e até abalos sociaes; mas as machinas teem a grande vantagem de não consumirem generos de primeira necessidade, não comem, não bebem, nem vestem, e por isso todo o augmento de producção que procurarem redundar em vantagem do consumidor. Não acontece a mesma cousa com braços escravos, porque estes teem necessidades, comem, bebem, e vestem como os livres; e por isso a sua competencia no consumo é sobremaneira prejudicial á população livre.

Se o governo em taes circumstancias cruza os braços, se não toma alguma providencia, o que será de nós? O que será da população livre em uma emergencia tão triste?

Meu amigo, parece-me que é tempo de que os homens da governança e todos aquelles que podem dirigir o paiz, estudem com sinceridade a nossa situação economica e procurem resolver o problema da riqueza de maneira a salvar-nos de futuros abalos. Me parece tambem que não devemos limitar-nos á copiar os trabalhos dos economistas européos; porque ali a organização social é mui distincta da nossa, e regularmente as discussões se suscitão em face de uma certa actualidade, e essa actualidade dá a taes discussões um caracter local que as torna applicaveis á outros lugares em outras circumstancias. Colloquem-se os homens sob um regimen absoluto, e as discussões sociaes se ressentirão dessa condicção; os reformadores se atirarão aos extremos e os conservadores se conservarão no estado de compressão necessaria. As opiniões então apresentarão o mais completo antagonismo.

paixão como a minha, era-me completamente extranha.

Finalmente estando o piano afinado, resolvei exprimir meus sentimentos internos por phantazias variadas, por maviosas e agradaveis cançonetes, como nos vem do Meio dia.

Emquanto eu repetia *Senza di te e Sentimi idol mio, al men se non poss'io morir mi cento e cem addio e oh dio*, o olhar de Serafina tornava-se cada vez mais brilhante. Ella estava collocada junto de mim diante do instrumento, e eu sentia-lhe a respiração errar sobre minha face. Como ella arrimava o braço atraz de mim sobre o espaldar da cadeira, as pontas de uma fita branca, negligentemente atada sobre o vestido de baile, cahião-me sobre a espada; as sons que sahião de minha bocca, os leves suspiros de Serafina fazião fluctuar entre mim e ella essa fita, e a re-enviavão de um á outro como fiel messageira de amor. E' para mim objecto de admiração como conservei o sangue frio.

No momento em que preludiava o tom de uma nova canção, Adelaide, que estava n'um canto da camara, chegou-se para nós, ajoelhou-se diante da baroneza, tomou-lhe as duas mãos, e apertando-as contra o seio, disse:

— Cara baroneza, minha Serafininha, não vais cantar tambem?

Na Europa o governo myxto está ainda em problema; as monarchias de direito divino ainda lá estão á lutar com as democracias exageradas que, na impossibilidade de as combaterem com os actuaes elementos, procurão de todo alterar-os. Não é pois de extranhar, que se tenha atacado a propriedade em suas bases, e que tenham apparecido escolas socialistas e communistas, que mereçam as sympathias de um grande numero. Os extremos se tocam, e por isso não é de admirar que os economistas europeos tenham voltado contra os socialistas e communistas as proprias armas com que estes procuravão ferir a seus adversarios, e por isso collocados pelo impulso das cousas no *laissez faire*, de-verião com a liberdade illimitada combater a liberdade illimitada. Isso só prova que todas as opiniões extremas são fataes, e que a verdade está em um meio termo, na harmonia dos dous contrarios: — nem ordem exagerada, e monopolios permanentes do governo; nem liberdade illimitada, que tende a cahir em monopolios de outro genero. Em uma monarchia representativa, como aquella que existe no Brasil, onde nem se reconhece monarchia de direito divino, nem liberdade illimitada, por outros principios deve a sciencia regular-se em sua applicação. A intervenção do governo bem harmonizada com a liberdade deve constituir a base de nossas pesquisas economicas.

A economia politica, como todas as sciencias, se funda em principios abstractos; a applicação delles á uma sociedade qualquer demanda o estudo accurado dos elementos dessa sociedade, e para esse estudo não se pôde prescindir das funções politicas dos associados e de sua condicção natural. Em um paiz onde o commercio está nas mãos de uma classe, e a agricultura nas mãos de outra; em um paiz onde ha escravidão e um grande numero de escravos compete no consumo pregar a doutrina do *laissez faire* e limitar as funções do governo á garantia de semelhante actualidade, é propalar uma doutrina subversiva e insustentavel.

Por estas considerações, me parece, meu amigo, que se o governo não intervier nos meios de evitar a penuria geral, teremos de ver muitas desgraças.

Como intervirá elle? É uma questão pratica de difficil solução, para a qual não está habilitado o nosso José Bento, mórmente no estado de enfraquecimento moral á que está reduzido. Estamos n'uma crise, e para as crises se ha mister de homens energicos que possam assumir a responsabilidade de suas resoluções.

Mas passemos a outro topico, e como o meu intuito de accôrdo com os seus desejos é dar-lhe uma idéa exacta da nossa sociedade e da nossa aristocracia, cumpre-me que lhe

— Em que pensas, Adelaide? respondeu a baroneza, como é possível fazer ouvir minha voz diante de nosso curioso?

Era arrebatador vê-la, dizendo estas palavras. Como um menino pudico e modesto, abaixava os olhos e corava, vacillante entre o receio e o prazer.

Facil é de conceber quaes não forão as minhas sollicitações. Quando ella fallou das pequenas cançonetes curlandeças, tornei-me tão exigente, que ella acabou por adiantar a mão esquerda, e tirar alguns sons do teclado, a maneira de preludio. Queria ceder-lhe o meu lugar, mas recusou sentar-se, e asseverou-me que não sabia dar o menor som, e que por consequente seu canto sem acompanhamento seria tosco e insipido.

Então com voz terna, pura e argentina que penetrava até o fundo do coração, começou uma canção cuja simples melodia trazia completamente o caracter desses estribilhos populares, proprios a despertar a poesia da alma humana. Ha um encanto mysterioso em suas palavras insignificantes, hieroglyphicas cuja significação o coração explica e desenvolve. Quem não delira ouvindo cantar essa cançõeta hespanhola, concebida simplesmente nestes termos pouco mais ou menos:

digam alguma cousa sobre os nossos costumes, e do como se manifestou a quadra de materialismo que me parece proxima a findar.

Quando o movimento espirital valia alguma cousa nesta pobre terra, a nossa actividade se fazia sentir nesse terreno, e não era de admirar o verem-se nas reuniões familiares e mesmo nas reuniões publicas signaes evidentes desse desenvolvimento. Porém, depois que a reacção material aristocratica se apoderou da nossa sociedade, ostentou-se ella em um ponto culminante de ridiculo. Velhas usanças reaparecerão, e com ellas esse orgulho mal entendido que na actualidade é uma especie de D. Quichote em relação á media idade. Uma dessas usanças que resuscitou foi o divertimento aqui chamado — *cavalladas*. — Ah! meu amigo, não houve um divertimento, uma festa de aldeia, em que as taes *cavalladas* não tivessem o seu quinhão. O homem de intelligencia, o raciocinador, o homem-cabeça, desapareceu; e o mancebo sem merecimento ou que o fazia consistir todo no desenvolvimento material, ostentou-se ousado á captar os applausos da sociedade; mas era um arremedo comico de tempos que não podem mais voltar. Tive eu tambem de assistir á uma dessas scenas, e não sei como pude supportar-la de principio á fim. Vou ver, se posso aqui descrever-lh'a com seriedade.

Supponha o meu amigo uma duzia de mancebos da ultima ignorancia, mas que em compensação sabem correr em um cavallo. Vestem-se ridiculamente como cavalheiros de comédia, e parecem outros tantos *Sanchos Pansas*; armão-se de uma lança de páo e de escudos de papelão, e assim convertidos em pobres bobos, se ostentão no lugar designado para o divertimento.

O termo da carreira é marcado por duas astes que sustentão uma corda, no meio da qual ha pendurada uma cousa á que chamão — *argolinha*.

Preparado o terreno, eis que chegam os cavalheiros, comicamente trajados e a fazerem trejeitos com os taes paos em forma de lanças e, depois de mesurarem aqui e ali, separão-se, e cada um armado de sua lança investe para a tal argolinha, que devem arrancar com a ponta da lança; se conseguem tira-la, temos triumpho, palmas, e não sei mais que. E o marmanjo, todo cheio de si, escolhe dentre o auditorio uma dama á quem offerta a tal argolinha, que em compensação lhe dá um signal do triumpho, uma fita, por exemplo, ou um lenço, que o tal Sancho Pansa amarra no braço, e volta para o seu logar todo ufano e cheio de si.

Acabada a corrida, ha então uma especie de mestre de ceremonias e uma especie de juiz que adjudica os premios aos que melhor desempenharão tam importantes funções.

A minha noiva formosa
Um dia levei-a ao mar :
Logo o batel agitado
Pela brisa caprichosa
Ao largo se foi lançar.
Ruge a tormenta no ar :
Minha bella, receiosa,
Mira o Oceano revoltado,
Dos raios o scintillar :
Com a minha noiva formosa
Nunca mais irei ao mar !

Assim o pequeno romance da baroneza não tinha outro sentido senão este :

Depois, no dia das nupcias,
Aquelle que me idolatra,
Me convidára a dançar :
Nossas mãos s'entrelaçavão,
Quando uma flôr debruçada
Da minha c'róa esfolhada
De repente eu vi tombar :
Apanhou-a o meu amante,
Sorrio-se, e mui docemente
Veio-a pôr no seu logar :
E disse : « O meu lugar ardente,
« O meu mais vivo desejo,
« É qu'um semelhante festejo
« Breve nos venha tocar. »

(Continuar-se-ha.)

FOLHETIM.

HOFFMANN. (*)

CONTOS NOCTURNOS.

O MORCADO.

Mas enfim, depois de muitos trabalhos inúteis, servimo-nos dos rolos bons; as cordas estão postas, e a um estrondo sem harmonia succederão sons puros, claros e meliodiosos.

— Ah! felismente! felismente! o instrumento está afinado, disse a baroneza olhando-me com sorriso arrebatador.

Como essa communhão de trabalhos fez rapidamente desaparecer a reserva e o constrangimento que impoem as conveniencias! como uma familiaridade sem incommodo estabeleceu-se entre nós, e, penetrando-me com sopro electrico, dissipou o acanhamento que me opprimia o peito! Essa emphasis extravagante que de ordinario produz uma

Vi um desses divertimentos, meu amigo, em que os rocinantes se ostentavam verdadeiros lazarus.

Bem vê que nessas festas de aldeia não vale o espirito, a intelligencia, a illustração; isso é contrabando. Mas em compensação, que orgulho! Que presunção! Só podem bem figurar em taes farsas os aristocratas, os mancebos d'escolha, que sabem cavalgar e que representam as nobres qualidades de seus nobres antepassados.

Alguns se levantão contra esses costumes que tachão de barbaros; não lhes acho razão, porque o divertimento não foi concedido somente ao espirito; também a materia deve divertir-se, e q' maior e mais innocente divertimento para a materia, do que o movimento? Esses senhores espirituualistas querem apoderar-se da sociedade; e não veem nella senão sciencia, philosophia, poesia, idealidades, idealidades. Quando se trata do positivo, daquillo que se vê e se apalpa, tomão ares de escarneo! Pois estão enganados, o corpo também tem uma grande, se não a principal parte, em nossos actos, e, quando querem domina-lo, elle toma sua desforra.

Não sei, meu amigo, se o tenho occupado com insignificancias e ninharias; mas julguei conveniente dar-lhe conta dessas coisas, para que vossê bem ajuze da nossa civilisação, e sobre tudo da nossa aristocracia.

E paro aqui, para mais o não cansar, adiando para d'aqui á oito dias o que tiver de mais a dizer-lhe.

O habitante da terra.

(Continuação das noticias da Europa.)

Pelo governo russo foi contrahido com a casa Stieglitz, de S. Petersburgo, um emprestimo de 50 milhões de rublos, ou 200 milhões de francos, a razão de 82 com 5 por cento de juros. Um terço da somma será emittido em Hamburgo e os outros dous em Berlim e Amsterdam. Na bolsa de Berlim foi logo cotado a 86, e em Londres e Paris prohibida a cotação.

Geralmente se julga que muitos outros bancos da Russia, á imitação do de Odessa, suspenderão os seus pagamentos.

Nunca, depois que principiou a malfadada questão do orient', se fallou mais em tentativas de paz, em propostas de gabinetes, na intervenção de nações amigas, em congressos diplomaticos, que sei eu? Inutil fôra reproduzir os mil e um boatos que a tal respeito hão circulado nas ultimas semanas, e para a maior parte dos quaes não houve sequer o minimo fundamento. O que em tudo isso ha unicamente de positivo é o haver partido de Vienna para S. Petersburgo o conde Esterhazy, incumbido de uma communicação, proposta, ultimatum, ou como lhe queirão chamar, do gabinete austriaco ao de Alexandre II. Se se deve dar credito ao que affirmão jornaes de ordinario bem informados, a unica missão do conde (missão de que dera Francisco José I conhecimento aos gabinetes de Londres e Paris e que por elles fôra aprovada) é representar ao autocrata a urgente necessidade que para todos ha de concluir a paz, e chamar a sua attenção para as consequências, inevitaveis para a Russia, de tao pertinaz e funesta politica. Assegurão outros que as recentes propostas de paz se fundão na admissão destes quatro pontos:—Exclusão de todos os navios de guerra do Mar Negro; desmantellamento das praças fortes situadas nas costas do mesmo mar; renuncia da Russia ao protectorado dos principados, bem como a todos os antigos direitos de intervenção nos estados do sultão; cessão da parte da Bessarabia em que se achão as hças do Danubio.

Difficil fôra determinar o que haja de exacto em quanto a tal respeito se diz. O que só é certo é a partida do conde Esterhazy, com ordem de regressar logo a Vienna, se pelo czar não fôr attendido, o que é mais que provavel, e até corre como certo, havendo-se apresentado a 27 de dezembro ao chancelier Nesselrode.

Assevera-se que a Prussia se une á Austria no mesmo sentido da missão do diplomata austriaco.

Profunda sensação causou em Paris um folheto que ali se publicou e no qual se demonstrava a necessidade de um congresso para terminar a questão do oriente. Julgou-se de Luiz Napoleão ou escripto pelo menos sob sua influencia; soube-se todavia depois que era obra de um litterato, já conhecido por bellas composições, e isso lhe fez perder grande parte da importancia,

tanto mais quanto já não é facil acreditar na possibilidade de conseguir a paz senão em consequencia de transacções originadas pela guerra.

Lisboa, 13 de janeiro de 1856.

A chegada do ministro da fazenda, e o resultado das commissões de que fôra encarregado, são hoje o assumpto principal da curiosidade publica, dos debates da imprensa, e das conversações em todos os circuitos.

S. Exe. chegou no dia 2 do corrente janeiro no paquete inglez a vapor *Madrid* e logo se principiou a espalhar que o ministro tinha conseguido completamente o fim a que era destinada a sua viagem.

Affirma-se agora, e parece ser fôra de duvida, que com effeito se acha terminada a desintelligencia relativa á cotação dos nossos fundos na praça de Londres; parece que Mr. Thornton se obrigou a aceitar as disposições do decreto de 2 de dezembro de 1851, sendo pagas aos possuidores de fundos as differenças occasionadas pela conversão até á data de hoje, a razão de 13:800 libras por anno até final embolso; devendo este pagamento principiar no momento em que em Portugal a receita fôr igual á despesa, ou quando o governo se achar desembaraçado da garantia dada ao caminho de ferro de Leste pelo art. 9. do contracto com esta companhia, e das mais garantias desta natureza que tenha a dar a quaesquer outras empresas.

A vista disto os nossos fundos forão logo cotados na praça de Londres e começaram immediatamente a subir.

Em quanto a caminhos de ferro também do mesmo modo se assevera que o ministro conseguiu por termo á desintelligencia entre os empreiteiros e a companhia do caminho de ferro de Leste, debaixo das seguintes clausulas:

O governo tomará a mr. Shaw & Companhia todas as acções que elle possuir pertencentes á companhia do caminho de ferro de Leste, pelo preço que ellas actualmente representam. Comprará mais pelo preço estipulado no contracto todo o material fixo e circulante, as construcções provisórias ou definitivas, pertencentes a mr. Shaw & Companhia que hoje existirem em Lisboa, ou na linha de Lisboa a Santarem, e bem assim o material das obras que tem de construir-se.

Tudo isto se rá pago em tres letras sobre Londres, uma a dous mezes no valor de libras 10:000, outra a quatro mezes de igual valor, e outra de 20:000 libras a seis mezes. Pelo valor restante, dará o governo fundos de 3. p. c. a 42.

Mr. Shaw de uma parte, e o governo e a companhia dos caminhos de ferro de leste da outra, dão-se mutua e reciproca quitação de todas as obrigações e encargos.

Mr. Shaw entregará ao governo todo o material pertencente á companhia por elle representada.

Todos os pleitos que se tenham suscitado a respeito deste negocio, serão suspensos logo que este contracto fôr assignado ficando todavia ambas as partes livres de recommencem o pleito se as côrtes não approvarem estas condições, até ao dia 1 de maio do corrente anno.

Mr. Shaw receberá nos termos do contracto, tudo quanto lhe fôr devido pelos trabalhos executados, e material por elle fornecido, desde a data do ultimo certificado até que as obras cessarão. No caso de haver divergencia, quanto ao montante do ultimo certificado, a differença questionada será dividida entre mr. Shaw e a companhia dos caminhos de ferro. Mr. Shaw será paga dos dividendos que lhe estão em divida, relativos a todas as suas acções.

A importancia de todas estas sommas será pago em fundos de 3 p. c. ao preço de 43.

Mr. Shaw não será mais obrigado a entrar com prestação alguma, relativa as 11:000 acções de que ainda é possuidor, e as acções não serão confiscadas pela falta de pagamento de qualquer prestação. O governo guardará 2:000 destas acções, como penhor, por qualquer falta ou differença no material e mais utensilios que mr. Shaw se obriga a entregar-lhe.

Deste modo o governo fica quasi senhor do caminho de ferro de leste, e poderá contractar, como se diz que já contractará, a continuação d'elle de Santarem á fronteira de Hespanha, e de Santarem ao Porto, com a companhia franceza denominada Grande Central; a qual segundo se diz, vai mandar a Lisboa engenheiros, que são aqui esperados a toda a hora, para estudarem estas duas linhas ferreas: e assevera-se também que de-

pois de concluido este estudo, e apreciadas as obras, sera este trabalho enviado a Paris, para se tractar da conclusão definitiva do contracto.

Igualmente se assevera ter contractado o Sr. Fontes um emprestimo de trinta milhões de francos (3:400 contos,) no qual entrão casas respeitabilissimas de Paris e Amsterdam, taes como de mrs. Devaux, Fould e Urielle d'aquella praça, e Caem desta ultima. Ignorão-se ainda as condições deste contracto, mas parece que a primeira prestação d'elle será recebida em maio.

Estas noticias que tem todas o caracter de verdadeiras, vão em breve ter confirmação official, por quanto todos estes contractos são dependentes da approvação das côrtes, e hão de lhes ser apresentados depois do dia 19 do corrente, sendo por este motivo que o parlamento foi addiado para este dia. Então se saberão com toda a miudeza os pormenores de todas estas transacções, e qual a utilidade que dellas pode porvir ao paiz.

Entretanto o quadro que por ora se apresenta é extremamente lisonjeiro. Aquelles contractos de caminho de ferro, aquelle emprestimo, que se afirma deve ser empregado em obras publicas incluindo nellas a barra do Porto, pôde tudo reunido e bem applicado concorrer poderosamente para a transformação deste paiz; sobretudo se também se realizar a noticia que corre de que o governo francez promettêra fazer com que em Hespanha se proceda ao mesmo tempo á construcção do caminho de ferro que deve por um lado juntar-se ao nosso, e por outro ao da França.

E' opinião geral que o Sr. Fontes tractára com summa habilidade estes negocios, o que prova o feliz resultado delles. Em quanto ao bom acolhimento que teve tanto na corte de Londres, como na de Paris, são todos conformes em affirmar que não podia ser melhor; tanto o imperador dos Francezes, como a rainha Victoria lhe fizeram a honra de o convidar a jantar, e esta ultima até lhe offereceu hospedagem no paço.

Estas noticias já fizeram subir os fundos publicos e acções. As inscripções estão a 44 e as acções do banco de Portugal valem 510\$000 réis.

S. Exe. já tomou posse das duas pastas da fazenda e obras publicas.

No *Jornal do Commercio* de 12 lê-se o seguinte: « Hoje foi dissolvida a companhia do caminho de ferro de Leste, comprando o governo todas as acções da companhia. »

Nenhum outro jornal, nem a *Revolução de Setembro* que é considerada semi-official, dizem coisa alguma a este respeito; e por isso creio que esta noticia precisa de confirmação.

As côrtes forão abertas no dia 2 de janeiro com as solemnidades do estylo, por Sua Magestade o Senhor D. Pedro V; o discurso do throno não sahe da formula usada nestes documentos; por ser muito extenso o remetto em separado para ser transcripto no corpo do jornal.

Tendo a camara dos deputados procedido no dia seguinte á eleição de presidente e vice-presidente, S. M. escolheu os mais votados, que forão, para o primeiro lugar o Sr. Julio Gomes da Silva Sanches e para o segundo o Sr. Vicente Ferreira de Novaes.

O deputado Santos Monteiro mandou para a mesa, e pediu que ficasse sobre ella para se lhe dar andamento logo que a camara esteja constituida, a seguinte proposta:

« Proponho que seja votada, e se lance na acta, a seguinte declaração.

« A camara dos deputados da nação portugueza, constituida a primeira vez depois do dia em que terminou a regencia d'El-rei o Senhor D. Fernando II, declara:—Que Sua Magestade no exercicio de regente, bem mereceu do paiz, e adquiriu novos titulos ao amor dos portuguezes, e reconhecimento nacional. »

No dia 7 foi lido um officio do ministro do reino, acompanhando o decreto de 5 do corrente, pelo qual são addiadas as côrtes até ao dia 19.

O novo banco do Porto passou por uma crise que esteve a ponto de acabar com esta instituição na qual tantas esperanças se fundavão. Parece que na primeira reunião da assembleia geral é que teve lugar a desintelligencia que tão funesta podia ser; desintelligencia que sobreveio no meio da discussão dos estatutos. Diz-se que no fim desta sessão só dezoito dos signatarios respondião pela sua assignatura.

Entretanto aos esforços do Sr. Moser cedêrão muitos dos ditos signatarios; teve lugar nova reunião á qual comparecerão 161 associados; os estatutos forão approvados

com leves alterações, e resolveu-se que o banco tomasse a denominação de *Mercantil do Porto*; que fossem emittidos 700 contos de acções, e 300 de apolices, ficando reduzida a 500 contos a totalidade destes ultimos titulos.

N'outra rennião que teve lugar depois desta, foi o Sr. Moser declarado fundador e presidente perpetuo honorario do banco; e forão eleitos;

Presidente da assembleia geral, e conselheiro Alipio Anthero da Silveira Pinto. Vice-presidente, Eduardo Moser. 1.º secretario, Felix Fernandes Torres. 2.º secretario, João Antonio de Miranda Gonçalves. Membros do conselho fiscal, Francisco de Oliveira Chamiço, Thomaz G. Sandman, João Leite de Faria, e Antonio de Sousa Barbosa. Gerentes, Cornelio Steur, Carlos Francisco Monteiro, e João Gomes de Oliveira e Silva.

O novo banco de Lisboa ainda não está constituido, mas diz-se que passa de 700 contos a importancia das subscripções.

Em diversos numeros do *Jornal do Commercio* desta cidade, acaba o Sr. Alexandre Magno de Castilho de responder triumphantemente ás obstinadas e acintosas accusações que um anonimo correspondente do mesmo jornal, no Rio de Janeiro, fez ultimamente ao consul de Portugal nessa corte, o Exm. barão de Moreira.

O Sr. Castilho provou n'uma serie de artigos com documentos á vista, serem destituídos de fundamento, os ataques dirigidos a um funcionario probo e intelligente, e que por isso acaba de merecer a honrosa distincção do seu governo, que despreza como deve arguições gratuitas de meia duzia de inimigos sem merito e sem importancia.

Foi publicado no *Diario do Governo* o relatório dos mapps, enviados pelo consul geral de Portugal no Rio de Janeiro, do movimento commercial de importação e exportação de todos os portos de Portugal e suas possessões com essa praça no decurso do anno de 1854; dos quaes resulta que o commercio de importação foi feito por 156 navios com diversas bandeiras, e montou a 6:775:653\$770 réis, levando a maior sobre o anno anterior a vantagem de 2:505:323\$240, e o de exportação a 1:055:892\$140 réis mais 357:357\$510 réis do que a do anno antecedente, e feito por 43 navios.

Os referido mapps, trabalho de uma nitidez e perfeição sem igual, estão patentes na repartição competente do ministerio das obras publicas, commercio e industria, a todas as pessoas que os pretendão consultar.

A grande quantidade de cereaes importados ultimamente em Inglaterra dos Estados Unidos, fez com que os preços d'aquelle genero tivesse alguma baixa nosso mercado. Infelizmente porém, os estragos causados a lavoura pelas grande chuvas e cheias que tem sobrevido, hão de necessariamente augmentar a carestia das substancias.

Foi publicado na folha official a ratificação do tratado de amizade, commercio e navegação, entre Portugal e a Confederação argentina.

No dia 26 do mez passado desde pela manhã até á noite reinou um vendaval como ha bastante tempo Lisboa não presenciava. O vento soprou furioso, choveu copiosissimamente, e trovejou constantemente; ás nove horas da manhã cahiu uma farsca electrica n'um navio sueco, fundeado no quadro da alfandega, despedaçando-lhe um mastro e deixando bastante maltractado o capitão e um marinheiro. Pela uma hora cahiu outra farsca proximo ao arsenal do exercito, porém sem causar damno algum.

O inverno tem sido bastante rigoroso. Depois de um frio intencissimo, as chuvas não nos tem deixado a porto de dois mezes.

As grandes chuvas destes ultimos dias tem causado innumerados desastres.

No Riba Tejo vai uma cheia espantosa: Vallada está quasi submergida. Forão para ali mandados pelo governo, no dia 5 o vapor de guerra Conde de Tojal, escaleres do arsenal, com officiaes da armada, conduzindo a bordo mantimentos e lenha, para acudir aos habitantes daquella desgraçada povoação, que quasi todos os invernos é victima destes desastres.

Aqui, em Lisboa, tem desabado varias paredes e muros, e alguns predios já bastante arruinados. Infelizmente parece que continuará este tempo rigoroso, porque os barometros estão tão baixos, como raras vezes se tem visto em Lisboa.

No Porto desabarão em cima do muro, junto ao rio, tres moradas de casas que se achavão arruinadas, e cahirão alguns columnos de diversas fabricas.

A cheia no Douro era grande, porém fe-

O LIBERAL PERNAMBUCANO.

JORNAL POLITICO E SOCIAL

O Liberal Pernambucano publica-se diariamente, e subscree-se na typographia da rua do Collegio N. 14 a 3000 por tres mezes pagos adiantados: os annuncios para os Srs. assignantes são pagos a 20 réis por linha; correspondencias e outra qualquer publicação pagar-se-ha o que se convencionar: os interessados se deverão entender com o Editor na mesma typographia. A Redacção é distincta da Administração.

Anno V.

Quarta feira 6 de Fevereiro de 1856.

Numero 997.

O LIBERAL PERNAMBUCANO.

BECIFE 5 DE FEVEREIRO.

Chegou hoje procedente dos portos do sul o vapor S. Salvador, e trouxe-nos jornaes da corte com data de 25 do mez passado; da Bahia com data de 2 do corrente; e de Maceió até esta hora (9 da noite) não recebemos do correio a nossa correspondencia.

Da ligeira leitura que fizemos dos jornaes recebidos, nada podemos encontrar de notavel; sendo que a epidemia nas duas primeiras provincias, posto que em consideravel decrescimento, já ainda fazendo algumas victimas.

A hora já adiantada não deu lugar a publicação da nossa correspondencia da Bahia; o que faremos no seguinte numero.

Consta-nos que esse vapor trouxe alguns estudantes de medicina da Bahia, que certamente vem habilitar ao governo da provincia, a estabelecer postos sanitarios em lugares, que ainda não foram invadidos da epidemia, todavia achão-sedesprovidos de recursos para que se não dê o que acontece em S. Antão, Papacaya, S. Bento etc.

Informão-nos que em Santo Antão o mal já vai declinando em consequencia da emigração que se tem dado, o que faz com que o numero dos accommettidos seja em menor escala. A mortalidade já se limitava de 16 a 20 pessoas por dia.

Os religiosos que d'aqui foram hão prestado serviços relevantissimos, consolando, animando, curando, e enterrando os infelizes habitantes d'aquella cidade.

O Carmelita Fr. Manoel de Santa Clara que hoje aqui chegou d'aquella lugar, deixou os Srs. Drs. Brito e Ribeiro no engenho Tapera, com o destacamento que os acompanhára, do qual dizem ter desertado diversas praças.

Observamos a camara municipal desta cidade que lance suas vistas para as povoações da Casa-forte, Varzea, e outros arrebalde de sua jurisdicção, e faça remover do centro desses povoados os matadouros que são verdadeiros focos de infecção.

Pedimos a S. Exc. o Sr. presidente que lembre-se, que o hospital que se está montando na rua da Aurora fica contiguo ao collegio das orfãs, que contem um grande numero de pessoas reunidas, que correrão grande risco junto daquelle estabelecimento.

Terminarão as folias do Carnaval, que constou de diversos bandos de mascarados que percorrião as ruas desta cidade, sem que occorresse algum facto lamentavel.

FOLHETIM.

HOFFMANN. (*)

CONTOS NOCTURNOS.

O MORGADO.

Deixei-me arrastar em silencio; a maneira porque Adelaide fallava da baroneza parecia-me indigna, e estava revoltado com a idéa de uma intriga entre nós.

Quando entrei com Adelaide, Serafina encaminhou-se para mim dando um ligeiro grito, adiantou-se alguns passos, e deteve-se de repente no meio da camara como que reflectindo.

Ousei apoderar-me de sua mão, e leva-la aos labios. A baroneza deixou-a descansar entre as minhas enquanto dizia:

(*) Vide o Liberal n. 996.

VARIEDADE.

Cartas de um habitante da terra, escriptas do Recife, a um habitante do planeta Mercurio.

IV.

Muito estimavel amigo, permita-me que sem mais cumprimentos entre na exposicção dos acontecimentos, cuja noticia tanto me recommenda. Como lhe eu disse nas anteriores, a peste, o terrivel cholera, vai-se cada vez mais avisinhando da capital, fazendo estragos que tem amedrontado a todo o mundo. Na cidade da Victoria tem havido horrores, de maneira que a ordem publica perdeu-se, as autoridades não tiveram a força precisa para manter o povo, os corpos dos mortos, que tem sido em grande numero, jazem pelas ruas ao abandono e servem de pasto aos cães e ás aves de rapina! Parece que uma maldicção da Providencia pesa sobre essa desditosa cidade, que penso ficará arrasada. Podo-se dizer que ella repelle todos os socorros que lhe mandão, porque apenas o sacerdote de Christo, o medico, põe o pé nessa terra, para logo é forçado, é constrangido a voltar para não ser victima; tam intensa é a acção da peste; e aqui chegam extenuados e para não sahirem tam cedo do leito.

Meu amigo, pondo de parte a acção da Providencia que em minha humilde opinião é sempre quem preside á esses grandes acontecimentos, em os quaes ostenta em todo o esplendor a sua infinita justiça e a sua infinita Misericordia, forçoso é confessar que ao presidente desta provincia cabe uma grande responsabilidade. Persuadir-se-ha o Sr. José Bento que lhe temos odio e que com essas cores vemos todos os seus actos; não; nós temos compaixão do Sr. presidente, por o vermos em difficuldades que elle não tem podido superar. E se ha tempo em que nos devemos mutuamente tratar com benignidade é este, em que qualquer de nós está talvez proximo á despedir-se deste mundo e á dar restrictas contas á Deos pelo mal que por cá fizemos. Mas, pondo de parte todo o ressentimento em instantes tam solemnes, não é possivel tirar ao Sr. José Bento a responsabilidade que lhe cabe.

A' muito tempo que a opposição brada pedindo ao Sr. presidente providencias preventivas; mas o Sr. José Bento se ha conservado surdo ás palavras da opposição, e só quando a epidemia se manifesta dentro da provincia é que elle vai dando algumas providencias; ultimamente cumpre confessar que tem mostrado alguma energia, mas é já um pouco tarde.

Que custava ao Sr. presidente, apenas soube que a epidemia caminhava do sul para o norte e ameaçava de invadir a provincia, que lhe custava estabelecer nas comarcas e villas limitrophes hospitaes, boticas, medicos e

— Mas, meu Deos! é acaso vosso officio medir-vos com os lobos? Não sabeis que o tempo fabuloso d'Orphéo e d'Amphion se passou, ha muito, e que os animaes ferozes absolutamente hão perdido todo o respeito aos habeis cantores?

A amenidade dessas expressões, que não deixavão duvida sobre a natureza do interesse que me tinha a baroneza, fez-me tomar immediatamente um tom e maneiras convenientes. Não sei porque me não entreguei ao piano, como costumava, e sentei-me no canapé ao lado della.

— Como vos achastes exposto assim? perguntou-me. E seguio-se que em vez de divertir-nos com a musica, só cuidamos em conversar. Narrei-lhe pois meu encontro no bosque; e insisti no interesse que me testemunhára o barão, dando a entender que o não julgára capaz de iguaes sentimentos.

— Oh! disse a baroneza com voz branda e quasi queixosa, o barão deve parecer-vos de character rude e altivo; mas crede-me, é mister attribuir isso unicamente a tristeza desta morada, e a essas caçadas selvagens

enfermeiros, de modo que quando a enfermidade quizesse invadir-nos encontrasse logo a mais decidida opposição? O Sr. presidente nada fez, e todavia algumas dezenas de contos de réis que nisso despendesse seriam amplamente indemnizadas pelos bons resultados que necessariamente se deverião colher.

Acresce á isso, que o Sr. presidente autorizou a incerteza da medicina á que se deveria recorrer, não attendendo á que por mais confiança que tenha o povo nos recursos da homeopathia, não se achão estes autorizados pelas academias e pelos corpos scientificos do paiz. O que resultou d'ahi? Tem resultado uma verdadeira anarchia, e dessa anarchia foi victima evidente a desventurada cidade da Victoria. Em quanto a epidemia se não mostrara encarnigada, as dozes homeopaticas applicadas por qual quer curioso armado de sua carteirinha foram produzindo o seu effrito; mas depois que a epidemia se foi tornando intensa e mortifera, foi-se conhecendo a impotencia das taes carteiras e dos taes curiosos. Entretanto, os curiosos e charlatães havião abusado da credulidade do povo e os medicos enviados pelo governo foram apedrejados pela população e expulsos da Victoria! Figura-se-me a historia horril de Sodoma e Gomorra, onde foram apedrejados os dous anjos que Deos enviara a Loth para salva-lo da destruição daquellas cidades.

A unidade da medicina e o seu auxilio uniforme é sobre tudo necessario nas grandes crises epidemicas. Obrou por tanto indiscretamente o Sr. presidente, autorizando, como é corrente, o emprego de carteiras e por curiosos que nada entendem de medicina e que se aproveitão muitas vezes das commoções desta ordem para fazerem sua fortuna.

Não duvido, que a homeopathia se baseie em principios scientificos; mas, meu amigo, se ella é mais especulativa do que a medicina official, como pretendem os seus apologistas, ella demanda talentos mais experimentados e mais racionadores do que a medicina official. Reduzir a homeopathia á um empirismo estúpido, é contrariar o pensamento e doutrina de Hanemann.

Acresce á isto que os medicamentos homeopathicos são destituídos de toda a verificação pratica. Um especulador, armado de uma porção de globulos da mesma natureza e dando só o mesmo medicamento, pode distribui-los por milhares de vidros com milhares de rotulos, e eis o aconito convertido em belladonna, nux vomica, pulsatilla, etc etc. E qual é o meio de verificar a identidade desses medicamentos? Nenhum, meu amigo. E todavia é uma tal medicina, por demais empirica e sem garantia alguma á respeito dos medicamentos, que o governo da provincia autorisa! O que sahirá d'ahi se não a confusão, a desordem, o chaos? E qual o resultado de tudo isso senão os horrores de que tem sido victima a desditosa cidade da Victoria? Deos permita, que a po-

nos nossos bosques de pinheiros desolados. A casa que habita, e a vida que passa alterão-lhe completamente o humor; se é sombrio e pouco communicativo, é porque está preocupado com a apprehensão de alguma coisa de sinistro q' deve acontecer nestes lugares; é por isso que esta aventura, que por felicidade não terá consequencia alguma funesta, o tem profundamente impressionado. Elle teme ver o mais humilde de seus criados ameaçado do menor accidente, e com mais forte razão um amigo caro, e recentemente adquirido; estou certa que Gottlieb ao qual censura por nos haver deixado em perigo, se não for punido com prisão, soffrerá o castigo vergonhoso, que se inflige aos caçadores, de ir a caça sem fuzil e com um cacet na mão. Ora, como caçadas semelhantes seriam sem perigo? como não ficaria assustada vendo o barão, que previa sempre desgraças, afrontar todavia com o coração alegre o demonio fatal que lançou-lhe não sei que nuvem sobre a vida? Contão-se muitas cousas estranhas do antepassado que instituiu este morgado, e estou certa que ha aqui encerrado nestas pa-

pulação em outros lugares se compenetre de seus verdadeiros interesses e que se socorra aos meios curativos que merecem a confiança da sciencia, e que podem ser devidamente falsificados.

A fome, meu amigo, continua na mesma escala; mas parece-me que o Sr. José Bento, não se deixando offuscar pelas abstrações economicas, vai fazendo alguma cousa no sentido de evitar os horrores desse outro flagello. Deos permita que seja melhor succedido.

O Sr. presidente acaba de nomear commissões de beneficencia para cada uma das freguezias da capital; mas, sem querer tirar a força moral ao acto de S. Ex., me parece que a respeito de alguns, o Sr. presidente se deixou levar mais pelos nomes proprios do que pela utilidade que elles poderião prestar. Os homens que se tem occupado desta materia aconselhão que a nomeação de taes commissões deve recahir sobre os cidadãos, não só mais respeitados, se não como os mais queridos das freguezias.

Forão nomeados, por exemplo, pura a commissão central o Exm. e Rvm. bispo Diocesano, o Exm. Monsenhor Muniz Tavares, o Exm. senador barão de Boa-vista, o Exm. barão de Capibaribe e o Sr. commendador Luiz Gomes Ferreira. O Exm. e Rvm. bispo Diocesano, apezar de seu excellente coração, está muito adiantado em idade e soffre moléstias que lhe impedem a actividade necessaria. Entretanto não reparo a sua nomeação, uma vez que seja coadjuvado pelos outros membros. O Exm. Monsenhor Muniz Tavares móra fóra da cidade, não pôde fazer nella efectiva residencia, vive retirado e por isso, apezar de suas boas qualidades, me parece pouco apto para o bom desempenho das funções dessa commissão. O Exm. Sr. barão de Boa-vista é um tanto antipathico á população pelos acontecimentos politicos que se tem dado nesta provincia. O Sr. Luiz Gomes Ferreira passa geralmente por homem egoista, amigo da usura, cheio de sua riqueza e antipathico á população. Creio, pois, que a commissão central poderia ser melhor escolhida e recahir sobre pessoas mais amigas do povo e menos comprometidas para com elle. O commercio, que aliás muitos serviços poderia prestar, não foi convenientemente representado na dita commissão. Mas, enfim, não desespereemos; vejamos como obrão os membros das commissões e os avaliemos pelos seus actos.

Deve saber que tivemos o nosso carnaval. O entrudo foi sempre uma época de loucuras, que precede ao tempo da penitencia; é uma folgança da carne ao entrar na vida de abstinencia que lhe deve durar quarenta dias. Felizmente de certo tempo para cá o pessimo costume das limas, das aguas lamosas, e de outras selvagerias do mesmo jaez, foi substituido pelas mascaradas, que offerecem á população um divertimento mais polido, mais agradável e mais variado. Este anno ressentio-se o carnaval do estado de im-redes um segredo-sinistro de familia, que como um espectro implacavel, persegue o proprietario deste patrimonio, e só lhe permite raras vezes e igualmente em pouco tempo vir animar a solidão. Porém eu! como não devo achar-me no meio do tumulto que então reina? como evitar a fatalidade que pesa sobre estas paredes? Sois vós, meu caro amigo, quem primeiro tem dissipado por vossos talentos a tristeza que me opprime! Poderei eu bem cordialmente agradecer-vos?

Beije a mão que me estendia. — Eu mesmo tambem, lhe disse eu, desde o primeiro dia, ou antes da primeira noite, experimentei a fatalidade desta morada e um horror profundo se apoderou de mim. Talvez deva attribuir meus sustos ao aspecto lugubre do castello, aos estranhos ornatos da sala de audiencia, aos sibilos da briza... — que sei eu?

A essas palavras a baroneza encarou para mim. O som de minha voz, minhas expressões fizeram-lhe suppor, que eu dissimulava uma parte do que me acontecera.

(Continuar-se-ha.)

pressão desagradável sob a qual está a população; mas nem por isso deixará de haver folganças e divertimentos. As taes cavalhadas de que lhe fallei em a minha passada, são parte obrigada das mascaratas: é talvez a única occasião em que ellas não são fóra de villa e termo: porque, uma vez que se trata de uma despedida da materia para entrar em praticas espirituaes, esse movimento estrepitoso lhe convem ás mil maravilhas.

Tenho-lhe fallado do desenvolvimento material que se notou em minha terrinha nesses sete annos que acabão de passar; e disse-lhe que parece ter ella chegado á seu derradeiro desenvolvimento. Cumpre-me dar-lhe disso uma prova evidente.

Parece que a dou referindo-me á dous esplendidos protestos do espirito contra o movimento material, que se derão o anno passado. Foi um a obra do Sr. Dr. Baptista, lente da cadeira de pratica na Faculdade de Direito; esse livro, que abriu uma nova era á sciencia do Direito; em nada se assemelha a essas rapsodias, a essas copias servis de arestos e de praticas mais ou menos carunchosas; não; é uma obra philosophica onde o processo é estudado segundo as suas leis e de accordo com os trabalhos da sciencia nos paizes mais civilizados. A outra obra é o livro do Sr. general Abreu e Lima, onde a moral, a politica, e a historia são tratadas com um poder de intelligencia que maravilha. Acerca dessas duas obras já se lêrão no *Liberal* juizos que não forão contestados.

Este movimento ainda não parou, e este anno já foi saudado por suas obras importantes. Uma é o *Repertorio Juridico* do Sr. Dr. Manoel Caetano Soares Carneiro Monteiro, e outra é um opusculo do Sr. Dr. J. M. da Trindade intitulado — *Collecção de Aparentamentos juridicos sobre as procurações e extracções extra-judiciaes*. — A primeira obra é uma recapitulação dos pontos mais importantes do nosso direito, tratados em forma de dicionario, e com a concisão e clareza que constituem o merito de obras desta natureza. Eu lh'o recomendo, porque na verdade é um trabalho muito útil. Na epocha de reformas pacificas e reflectidas em que nos achamos, não se podia deajar um trabalho mais proprio a estabelecer a transição. A necessidade de um codigo civil brasileiro é geralmente reconhecida, e um repertorio que ponha debaixo dos olhos do legislador o que de mais essencial existe em cada ponto do Direito é de uma utilidade incontestavel. A segunda obra é um trabalho consciencioso, em que o seu autor, expondo com ordem e clareza os principios da *mandato*, determina o estado de nossa legislação neste ponto tão importante do Direito Civil. Em minha opinião, o opusculo do Sr. Dr. Trindade é por si sufficiente para lhe constituir uma reputação juridica. As notas com que o distincto escriptor illustrou a sua obra e que demonstrão uma erudição pouco commum e conscienciosa, lhe fazem honra. Eu lhe recomendo esta obrinha como uma amostra de um talento pernambucano nascente, e q' promette um brilhante futuro. É provavel que appareça dentro em pouco uma noticia bibliographica desta obra que recomendo ao publico o seu autor. Eu faço votos para que o distincto mancebo não esfrie na carreira que tão brilhantemente encetou; veja, se pôde fazer outros tratados especiaes acerca de outros pontos do nosso Direito. Se concluir o seu trabalho com a mesma perfeição com que acabou este de que lhe fallo, terá dentro em pouco uma obra importante e profunda, e se achará em circumstancias de collocar-se no cume da sciencia para tratar de uma maneira synthetica e systhematica.

Mas permita que ponha termo aqui á minha carta que já vae um pouco longa; d'ahi á oito dias dar-lhe-hei novas de mim e deste malfadado cantinho.

Seu amigo certo

O habitante da terra.

PHILOSOPHIA.

Estudos religiosos, moraes e politicos sobre a

VONTADE.

III.

VONTADE DE DEUS.

S. I.

Deus perante a razão philosophica.

Oriente.

A idea é um phenomeno de consciencia, é

um facto psychologico. Inventariando esses factos encontramos entre elles a *idea de Deus*.

Até abi chega a Psychologia. Esta *idea* se nos apresenta como correspondendo á um modo de existir do *eu*? Não; tambem a *consciencia* nos fornece esse testemunho; dahi por diante a Psychologia é impotente. Ella se limita á garantir-nos que temos a *idea de Deus*, que essa *idea* não tem no *eu* o seu typo, e que a entidade que lhe corresponde é cousa distincta do *eu*. Mas existe realmente uma entidade externa correspondente á essa *idea*? No caso de existir, podemos conhecer esse ente externo em sua essencia e em seus attributos? Eis o que é já do dominio da *ontologia*.

A existencia ontologica, affirmamo-la nós por um pendor irresistivel, pela *fé*. Essa *fé* é uma propriedade do *eu* e pertence aos phenomenos da consciencia. A affirmação dos objectos phisicos pelos sentidos, do *eu* pela consciencia, de Deus pela razão, descança absolutamente na *fé*. Suprima-se a *fé*, suprima-se esse pendor irresistivel para affirmar como existentes os objectos de nossas ideas, e não ha mais certeza possivel.

Se ha uma *idea de Deus*, ha fóra de nós uma entidade divina; se ha uma relação entre o *eu* e a entidade divina, ha no *eu* um instrumento de communicação entre as duas substancias distinctas. Esse instrumento, os philosophos o denominão — *razão* —. O que é essa *razão*? É *personal*, é *impessoal*, é *personal* e *impessoal* ao mesmo tempo? A pura *impersonalidade* da razão não explicaria a possibilidade do conhecimento no homem; a *personalidade* e *impersonalidade* dá quando muito uma hypothese envolvendo talvez contradicção; em principio de evidente *pantheismo*; a *personalidade* completa da razão com um destino á descortinar a entidade divina em sua relação com o *eu*, será talvez o partido mais seguro.

Desde que para o conhecimento de Deus é mister na *razão* a *impersonalidade*, esta deve ser tambem necessaria na *percepção eterna* para o conhecimento da materia. O *eu* deveria ser um tanto *material* e um tanto *divino*, o que daria em ultimo resultado a confusão absoluta de todas as substancias em uma só, isto é o *pantheismo* com todas as suas consequencias.

Se o *eu* é uma substancia distincta, tudo quanto é necessario á sua existencia ontologica ser-lhe-ha proprio e especial. A sua communicação com as outras substancias se não pode explicar por propriedades communs; porque a abstracção dessas qualidades communs daria uma *idea geral*, correspondente á uma substancia universal. Essa substancia sendo o ponto culminante da sciencia, sendo o repouso final da intelligencia, aniquilaria a vida individual, destruiria a liberdade no homem, levaria de roço todo o mundo moral.

O que resulta d'ahi? Resulta que o homem é limitado em sua intelligencia; resulta que, quando esta se atira á hypothese para transpôr os seus limites e dar a razão de todas as cousas, ergue-se ao pinaculo do orgulho e é destronizada e lançada ao inferno da duvida. É sempre a historia biblica de Satanaz eternamente punido em sua soberba intellectual. O orgulho da *razão allemã* é o maior esforço da intelligencia humana para atacar os mysteriosos dominios do Todo Poderoso. Conservemo-nos pois nos limites da humanidade e cheguemos ao ponto em que a *fé* não pode ser abanada.

Temos *fé* que ha um mundo material, um mundo psychologico, um mundo divino. O *raciocinio* nos diz que ha meios de conhecimento para cada um desses tres mundos, e denominamos a um *percepção externa*, á outro *consciencia* e a outro *razão*. Se queremos entrar na ontologia de cada um destes meios, sahimos do ponto de vista relativo e eis-nos lançados em abysmos insondaveis. Limitemo-nos, portanto, á verificar: 1.º que ha em nós a *idea de Deus*; 2.º que essa *idea* é acompanhada da *crença* de corresponder á uma substancia externa distincta do *eu*; 3.º que o *eu* tem faculdade de conhecer de um modo relativo a essa entidade, e que nós chamamos a essa faculdade cognoscitiva *razão*.

A *razão*, a *fé*, e as faculdades da *intelligencia*, eis o arsenal com que podemos determinar em nós a noção da substancia divina. O limite do desenvolvimento é assignalado no momento em que a *fé* e a *convicção* se des-troem; chegados ahí, devemos recuar, e dizermos basta; porque se damos mais um passo, ai! de nós, que temos transportado o polo humano e seremos como Satanaz precipitados no espaço.

Com esses dados entremos no estudo dos esforços da intelligencia humana para co-

nhecer a substancia correspondente á *idea de Deus*.

Os primeiros fulgores da intelligencia humana se vão encontrar no Oriente. Por isso mui acertadamente se conjectura, que a Asia foi berço da humanidade, o que coincide com outros dados da historia civil, politica e religiosa dos povos. O Indostão, o Thibet, a China, a Persia, os Chaldeos, o Epypto, a Phenicia, são os povos que sobresaem no primeiro movimento philosophico do mundo.

Para os Indios Deus é um ser incompreensivel; nenhuma concepção humana o pode comprehender. No principio descançava elle na contemplação de si mesmo, e depois, a sua palavra creadora fez sahir de si todas as cousas, por uma serie de emanções continuas. Deus se manifesta por uma *trindade* de acção: — como creador, *Brahma*; como conservador, *Vishnou*; como destruidor e renovador, das formas da materia, *Siva*. Esse systema dá na identidade absoluta, no patriotismo.

Os de Thibet se aproximão das ideas do Indostão.

Na China Confucio e Mencio não offerecem noções claras acerca da divindade; a adoração do céo, dos astros e das forças naturaes personificadas, e envoltas em muitas ideas supersticiosas, constituia a religião popular.

Na Persia, Zoroastro admittiu um primeiro ser todo poderoso e infinito, de cujo seio sahirão, em virtude da palavra creadora, dous principios das cousas — *Ormuzd* e *Ahriman*; *Ormuzd*, a luz pura e sem fim, a sabedoria e a perfeição, o creador de todo o bem; *Ahriman*, principio das trevas e do mal, opposto á *Ormuzd*, ou desde o principio ou em consequencia da queda deste.

Entre os Chaldeos, a sciencia sagrada era a *astrologia*.

No Egypto, Isis e Osiris, representão a *idea* de dous principios — um macho e outro fema. Tudo ahí era envolto em mysterios e a sciencia era o monopolio dos padres.

A Phenicia era antes dada ás especulações commerciaes do que ás especulações scientificas. Veja-se á respeito da philosophia do Oriente o Manual de Tenneman e a historia philosophica de Degerando.

Estas simplicies noções bastão para demonstrar, que os primeiros esforços da razão para conhecimento de Deus se ressentem da fraqueza humana. Como se poderia por uma analyse bem deduzida determinar a comprehensão dessa *idea*, e distinguir os actos que dimanão de cada uma das noções nella contidas? Não é pois de admirar que nessas epochas de obscuridade a *vontade de Deus*, não fosse assas conhecida e que vacillassem as ideas eternas do *justo* e do *bem*.

F.

TRANSCRIPÇÃO.

O diabo na corte.

Segunda ascensão.

— Ouve-me, disse Arael, até as proprias pedras se encontrão, e pela força do destino te has de ver um dia associado com um novo D. Cleophas, a cujo serviço se acha o celebre Asmodeu, que, como sabes, é o superintendente das casas de jogo do inferno, e que por suas travessuras está condemnado a viver eternamente engarrafado, como vivem eternamente nas pastas dos ministros os requerimentos dos pobres pretendentes que vem á corte sem padrinhos nem protectores.

— Aliança com Asmodeu!

— E por que não! Não foi elle um dos mais activos obreiros do templo de Salomão? Queres saber como veio a nossas praias o cujo superintendente? Escuta... O velho D. Cleophas, desejando saber, porque a fama vòra, como se extrahia no Rio de Janeiro uma loteria, embarcou-se no Leviathan, e abicou ás nossas praias... A vista dellas torceu o nariz, e tratou de conchegar a elle o seu lençinho bordado, trescalando o penetrante cheiro da hydiosmia: infelizmente forão tão abundantes os miasmas que respirou nas praias, e foi continuamente absorvendo pelas nossas ruas, graças á celebre limpeza publica e junta de hygiene, que a saude do infeliz viajante ficou deteriorada; e atacado depois da cholera, morreu: porém antes de fallecer fez o seu testamento *aberto* e em publicas notas, no qual deixou o seu escravo Asmodeu a um herdeiro, que lhe tomou o nome, e continúa a observar as cambalhotas que o mundo dá. A cerca do testamento não houve a menor duvida. D. Cleophas não tinha herdeiros forçados.

O honrado herdeiro empessou-se da pro-

priedade, pagando incontinentemente os direitos de heranças e legados, o que rarissimas vezes se faz; foi á casa do José Thomaz, escolheu um largo *bocal*, onde baldeou, sem a moleta, o pobre diabo côxo, e dahi... ora! prepara-se para uma longa e curiosa viagem. Nós nos encontraremos com elle, e formaremos alliança.

— Está dito; prometto a alliança.

Arael me arrebatou em suas azas, e me elevou a uma grande distancia de terra.

— Queres que te falle das carambolas dos presidentes, e das contra-marchas dos juizes de direito, como preludio da resolução da quadratura da circulo?

— Falla-me de outra cousa.

— Queres que te falle desse palacio que alli vês, cujos inquilinos vivem como sardinhas em tigella?

— Fallas-me do Aljube! E o que achas dessa prisão?

— Aquillo é uma miseria! A sociedade entende que tem o direito de perverter cada vez mais o coração daquelles em que uma vez germinou a semente do crime. A cadea é um escandalo, além de uma vergonha para a corte. Sabes que a cadea é edificio particular, acanhado na fralda de um rochedo, onde se não respira o ar, que é a vida do corpo, e a moral, que é vida do espirito.

— Os mysterios desta prisão seriam uma obra curiosissima! Dizem que os crimes tem multiplicado por tal modo, que já se vai sentindo a necessidade de um segundo lugar de promotor publico na corte.

— Isto se ha de arranjar; mas uma cadea nova não se ha de edificar: e quando se a emprender, será uma obra de Santa Engracia, como muitas que temos, que enriquecerá tres gerações. As obras publicas são uma mina inexgotavel! Não ha engenheiro que saiba fazer um orçamento, e nem contractador que no fim da obra não se diga prejudicado, e não dê por despedida uma ultima estocada nos cofres da nação, a titulo de indemnisação! Está na voga o patriotismo da barriga; esta potencia dominou a cabeça, e a luta do seculo tem por fim garanti-la ampla e satisfatoriamente. Uma obra publica entre nós é um sorvedouro de dinheiro mais perigoso do que... do que talvez uma noite de beneficio no theatro Lyrico, ou uma casa de modas que tem por caixeiro uma francezinha toda cheia de arrebiques e de bons modos... De obras publicas te fallarei ainda um dia; vou esmerilhar este assumpto, que dizem ter dente de coelho.

— Continuemos a fallar da cadea.

— Pois sim; a proposito della lembro-me de um facto que succedeu na Bahia com um dos homens mais distinctos que tivemos. Tendo sido nomeada uma commissão medica para examinar o hospital de caridad, esse medico philosopho informou do seguinte modo. — Sr. presidente, doentes muitos, camas poucas. — Aqui se podia dizer o mesmo — crimes muitos, cadea pouca.

— Tu me fallaste em um segundo logar de promotor?

— Talvez penses que essa creação seja resultado de amontoação dos crimes. Enganas-te, é a conveniencia de accommodar-se mais um afilhado, algum menino bonito, algum mimoso da fortuna que deseje ficar na corte, porque a corte é o El-Dourado, e nesta vida o paraíso dos Musulmanos.

— E que mais?

— Talvez não creem um segundo lugar, e seja aposentado o decano dos promotores; mas é sempre o mesmo systema arvorado em principio — arreida, que eu quero entrar.

O meu hippogrifho deu um rincho semephante a uma gargalhada humana.

— Talvez seja isso necessario; é mais um homem zeloso que vai olhar para a sorte dos presos, porque só um promotor e um delegado é gente de menos, e o serviço é pesadissimo. Depois, occorre mais que o mordomo da Santa Casa da Misericordia, que nos bellos tempos passados costumava visitar esses proscriptos da sociedade, hoje só se lembra de lá ir quando lhe vão annunciar uma execução de pena de morte; porque então a caridade se traduz e resume-se em algumas gottas de vinho, em algumas migalhas de pão. Desgraçados daquelles que veem cabir o pescoço debaixo da espada que legalmente assassina! Desgraçado daquelles a quem a miseria acompanha nas paredes negras de uma prisão desta terra feliz, e vivem do alimento parco e magro que lhes fornece o Estado!

— Em resultado não tens dito nada; declamações banaes, escrúpulos de criança, que com o tempo desaparecem! Quantos se não estão rindo da tua simplicidade! Quantos não dirão de ti: